



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CAROLINA FERREIRA ROCHA

**A REPRESENTATIVIDADE E O FEMINISMO NEGRO COMO FERRAMENTA
DE UMA EDUCAÇÃO EMPODERADA PARA CRIANÇAS:
DIÁLOGO ENTRE PROFESSORAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

CAROLINA FERREIRA ROCHA

**A REPRESENTATIVIDADE E O FEMINISMO NEGRO COMO FERRAMENTA
DE UMA EDUCAÇÃO EMPODERADA PARA CRIANÇAS:
DIÁLOGO ENTRE PROFESSORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Pedagogia, vinculado ao
Instituto de Humanidades e Letras dos Malês
(IHLM), da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB), como requisito final para a obtenção
do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

R572r

Rocha, Carolina Ferreira.

A representatividade e o feminismo negro como ferramenta de uma educação empoderada para crianças : diálogo entre professoras / Carolina Ferreira Rocha. - 2025.

60 f. : il., color.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos.

1. Feminismo. 2. Crianças negras - Educação. 3. Discriminação racial - Brasil.
4. Professoras negras - Formação. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 370.1170981

CAROLINA FERREIRA ROCHA

**A REPRESENTATIVIDADE E O FEMINISMO NEGRO COMO FERRAMENTA
DE UMA EDUCAÇÃO EMPODERADA PARA CRIANÇAS:
DIÁLOGO ENTRE PROFESSORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Pedagogia, vinculado ao
Instituto de Humanidades e Letras dos Malês
(IHLM), da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB), como requisito final para a obtenção
do título Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 08/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Jaqueline Costa (Unilab) (Examinadora Externa)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a M.^a Marleide Nascimento (Examinadora Externa)

Escola Diogo Vital de Siqueira

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos vividos na UNILAB, lutei intensamente pelos meus objetivos, superar obstáculos e descobrir, dia após dia, que, com força de vontade, fé e determinação, é possível alcançar sonhos que antes pareciam distantes. Essa trajetória acadêmica trouxe não apenas conhecimento, mas também profundas transformações, aprendizagens significativas e experiências que levarei para toda a vida.

Agradeço, primeiramente, à força divina, que sempre guiou meus passos, iluminou meus caminhos e me sustentou nos momentos em que pensei em desistir.

Agradeço, com enorme carinho, à minha querida avó que, embora já não esteja fisicamente presente, permanece viva em minha memória, em meu coração e em cada conquista que celebro. Sei que continua me guiando e me protegendo onde quer que esteja — assim, agradeço à ancestralidade.

À minha família — minha mãe Joilma, minhas irmãs Jamile e Isabela — e à minha amiga Ingrid, deixo minha eterna gratidão. Vocês foram meu alicerce, meu porto seguro e minha maior motivação. Obrigada por cada palavra de apoio, por cada gesto de carinho e por me ensinarem valores como personalidade, responsabilidade e dignidade. Sem o amor, a paciência e o incentivo de vocês, eu não teria chegado até aqui. Amo vocês infinitamente!

Agradeço ao meu pai por ter acreditado e confiado no meu potencial e a Alexandre por, nesta reta final, ter me incentivado na realização do meu TCC.

Meu agradecimento se estende também a todos os professores que tive ao longo dessa jornada. Cada um contribuiu, de maneira única, para a minha formação acadêmica e humana. Em especial, expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Eliane Costa Santos, pela dedicação, paciência e confiança depositada em mim. Obrigada por acreditar no meu potencial, pelas orientações e por sempre buscar tirar o melhor de mim.

Aqui, tenho um agradecimento especial às professoras doutoras Jaqueline Costa e Cristina Teodoro, que contribuíram de maneira significativa para a construção do meu referencial teórico, oferecendo falas incríveis e enriquecedoras que auxiliaram na fundamentação deste trabalho.

A todos que não foram nominalmente citados, mas que, de alguma forma, caminharam comigo nesta etapa tão importante da minha vida, não se sintam excluídos deste agradecimento, pois cada gesto e cada palavra a mim direcionados contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

Que a vida retribua a vocês com afeto e com formas específicas de fortalecer, a cada dia, a autoestima.

Aqui sigo, e vocês seguem comigo!

RESUMO

Nesta monografia analisamos mesmo que incipiente, de que maneira a representatividade e o feminismo negro podem atuar como ferramentas essenciais para o empoderamento de crianças negras no ambiente escolar. A partir de uma revisão teórica sobre empoderamento, feminismo negro, racismo estrutural e representatividade, investigamos os modos como esses elementos influenciam a formação identitária e o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Com abordagem qualitativa, a pesquisa incluiu entrevistas com professoras da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Superior, buscando compreender suas percepções sobre as manifestações do racismo na infância e sobre o potencial das práticas pedagógicas antirracistas para fortalecer a autoestima, a autonomia e o sentimento de pertencimento das crianças negras. As entrevistas e questionários indicam que a ausência de representações positivas de pessoas negras, tanto na mídia quanto no contexto escolar, perpetua estereótipos, compromete a construção identitária e contribui para processos de exclusão. Em contrapartida, o empoderamento fundamentado pelo feminismo negro revela-se um caminho eficaz para promover acolhimento, reconhecimento e valorização das identidades negras desde a infância. Trazemos como considerações finais que uma educação antirracista, alicerçada na representatividade e nas reflexões do feminismo negro, é indispensável para transformar a escola em um espaço de justiça social, fortalecimento subjetivo e garantia de direitos para crianças negras.

Palavras-chave: feminismo; crianças negras - educação; discriminação racial - Brasil; professoras negras - formação.

ABSTRACT

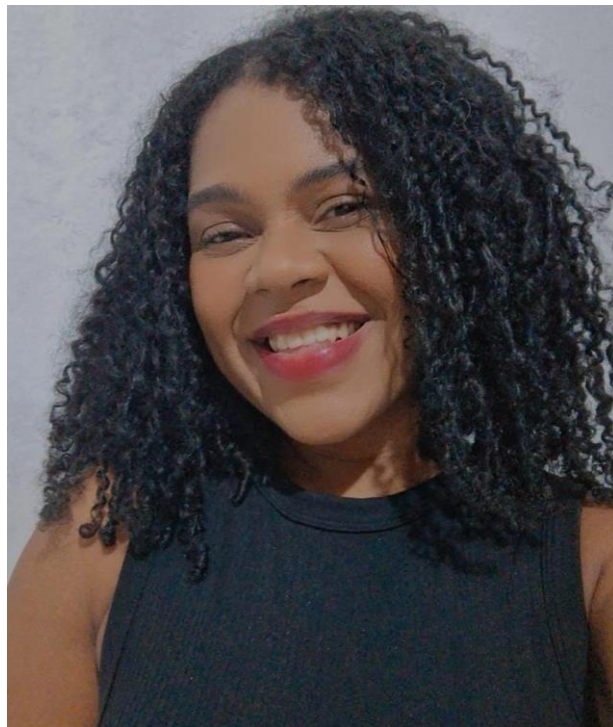
This monograph analyzes how representativeness and Black feminism can act as essential tools for the empowerment of Black children in the school environment. Based on a theoretical review of empowerment, Black feminism, structural racism, and representativeness, the study investigates how these elements influence children's identity formation and their emotional, social, and cognitive development. Using a qualitative approach, the research included interviews with teachers from Early Childhood Education, Elementary Education, and Higher Education, seeking to understand their perceptions of the manifestations of racism in childhood and the potential of anti-racist pedagogical practices to strengthen Black children's self-esteem, autonomy, and sense of belonging. The results indicate that the absence of positive representations of Black people, both in the media and in school contexts, perpetuates stereotypes, compromises identity construction, and contributes to exclusion processes. Conversely, empowerment grounded in Black feminism proves to be an effective path for fostering acceptance, recognition, and appreciation of Black identities from early childhood. It is concluded that an anti-racist education, anchored in representativeness and in the reflections of Black feminism, is indispensable to transform the school into a space of social justice, subjective strengthening, and the guarantee of rights for Black children.

Keywords: feminism; black children - education; racial discrimination - Brazil; black teachers - training.

Mini bio acadêmica

Acadêmica. Carolina Ferreira Rocha

(Orientanda)



Sou Carolina, mulher negra, educadora e pesquisadora comprometida com a construção de uma educação mais justa, e representativa. Sou Bacharela em Humanidades pela UNILAB, onde desenvolvi o projeto de pesquisa “O empoderamento como forma de desconstrução da imagem estereotipada da mulher negra na mídia”, refletindo sobre identidades, resistência e novas possibilidades de representação. Atualmente, estou concluindo a Licenciatura em Pedagogia e escrevi minha monografia intitulada “A representatividade e o feminismo negro como ferramenta de uma educação empoderada para crianças: diálogo entre professoras”, aprofundando meu compromisso com práticas pedagógicas antirracistas e transformadoras. Sou professora, já atuei na Educação Infantil e na Educação Especializada, áreas que exerço com muito carinho e dedicação. Sou apaixonada pelo que faço e acredito no poder da educação para fortalecer identidades, ampliar horizontes e criar caminhos mais acolhedor para todas as crianças.

Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos

(Orientadora)



Sou Eliane Costa Santos, pesquisadora em Etnomatemática e pós doutorada em Educação, desenvolvendo pesquisas voltadas para a educação afro-referenciada, as culturas africanas, a Etnomatemática e os saberes quilombolas. Minha trajetória acadêmica é guiada pelo compromisso com uma educação que valorize as epistemologias afro-diaspóricas e reconheça a potência dos conhecimentos construídos pelas comunidades negras no Brasil. Sou professora e, atualmente, atuo como coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), onde colaboro na formação de professores comprometidos com práticas educativas críticas, inclusivas e socialmente justas. Ao longo da minha experiência, tenho me dedicado à construção de propostas pedagógicas que integrem saberes acadêmicos e tradicionais, fortalecendo uma educação emancipadora, intercultural e comprometida com a valorização das identidades negras. Acredito na força da educação como instrumento de transformação social e tenho buscado, em minha atuação profissional e acadêmica, contribuir para o reconhecimento e a difusão de epistemologias africanas e afro-brasileiras em diferentes espaços formativos.

Prof.^a Dr.^a Jacqueline da Costa

(Colaborada da pesquisa e banca externa)



Educadora, Feminista Preta, Filha de Oxum, Militante, Pantaneira, Escritora, Filha de Maria Constantina da Costa e Benedito da Costa. Licenciada em Letras pela Unemat (2001), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT-2005), Pedagoga pela UNINOVE (2014) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-2015). Dedico-me em estudar trajetórias de vida de estudantes negras e negro, Desigualdades raciais, Racialização da experiência, Racismo e Políticas de Ações Afirmativas, Intelectuais Negras e Feminismos Negros. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (Unilab/Ceará) desde 2016 (Concurso: EJA e Movimentos Sociais), lotada no Curso de Pedagogia (ministra as cadeiras de EJA e Literatura Negra, ministra cadeiras de Estrutura e Relações de Poder, Identidade e Poder no Curso de Bacharelado em Humanidades, Profa. Permanente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH/Unilab. Professora membra e fundadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro, Africanos e Indígena – Neaabi. Coordeno o Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente! Projeto de Formação Interdisciplinar, Intelectual e Político sobre o Pensamento Feminista Negro, Conhecimento e Empoderamento de Mulheres Negras. Líder do Grupo de Pesquisa: Lelia Gonzalez, Presente! Rede de Estudos e Formação sobre o Pensamento Feminista Negro, Interseccionalidades, Trajetórias e

Prólogo

UM POUCO DE MIM PARA ENTENDER ONDE QUERO CHEGAR

Sou Carolina, mulher negra, Bacharela em Humanidades pela UNILAB e atualmente concluindo a Licenciatura em Pedagogia. Na minha família nuclear tenho minha mãe, que estudou até o ensino médio, e minhas duas irmãs: Jamile, graduada em Sistemas de Informação, e Isabela, formada em BI e também estudante de Pedagogia. Ao falar sobre estudo e educação, não posso deixar de lembrar da minha avó, feirante, mãe solo e analfabeta. Mesmo sem saber ler ou escrever, sempre priorizou a educação dos filhos e filhas. Antes de minha avó falecer, minha mãe conseguiu ensiná-la a escrever e ler o próprio nome, um gesto carregado de significado e afeto. Assim, minha mãe transmitiu a mim e às minhas irmãs a importância do estudo, e como incentivo, representatividade, referência é fundamental para seguir a vida sempre em específico na educação. Assim segui.

Na minha trajetória como estudante negra, cresci convivendo com os reflexos do racismo. No contexto escolar, ser uma criança negra é muito difícil e desafiador. Senti na pele, aos 10 anos de idade, a dor e a angústia de sofrer racismo durante uma aula de História ministrada por uma professora branca. Ela explicava sobre a escravidão de maneira distorcida, afirmando que as pessoas escravizadas eram “rebeldes e desobedientes”. Em uma dessas aulas, disse que “as características dos negros eram “cabelo duro parecendo dread, pele retinta muito escura, nariz bem largo e olhos esbugalhados”. Seria menos doloroso se ela não tivesse falado isso apontando para mim e para os outros colegas mais retintos da sala. Nesse dia, meu melhor amigo se sentiu tão mal que começou a faltar às aulas daquela professora. Ele acreditava ter todas as características que ela descreveu de forma agressiva e pejorativa. Ali, naquela aula, eu percebi e senti o peso de ser negra. Entendi, aos 10 anos, todos os olhares e tratamentos diferenciados que já havia recebido sem compreender o motivo. O sentimento foi de angústia e inquietação.

Após viver a dor do racismo na escola, pedi à minha mãe para alisar meu cabelo. Ela tentou me fazer mudar de ideia, fazia vários penteados, cachinhos e tranças. Consegui por algum tempo, mas, de tanto eu insistir, ela realizou meu desejo. Queria fugir das palavras daquela professora. Alisei meu cabelo, tive corte químico e fiquei muito triste

Anos se passaram, em 2017, fui aprovada no Curso de Bacharelado em Humanidade na UNILAB, e me vi nos quatro cantos dessa Universidade, desde as pessoas da recepção, estudantes, professores até o currículo. Ao longo do curso senti-me negra sem a negação de assim ser, sem a vergonha do cabelo crespo, das minhas raízes negras - Foi um sentimento de

pertencimento e liberdade. Fiz a transição capilar no início de 2018 e consegui me sentir linda novamente com meu cabelo natural.

Na Unilab, descobri o que era o empoderamento negro e a importância deste na nossa vida. Assim, o projeto de pesquisa da minha primeira graduação, teve como tema: *O Empoderamento como Forma de Desconstrução da Imagem Estereotipada da Mulher Negra na Mídia*. Hoje sou pedagoga. No lugar de professora, lembro da minha infância escolar e trago como foco o acolhimento das crianças negras, mostrando a importância do empoderamento desde cedo. Com mais de dois anos de atuação na educação passando pela educação especializada, educação infantil e, em 2024, formando minha primeira turma de alfabetização busco ser a professora que eu sempre quis ter: aquela que acolhe, aconselha, tranquiliza, trata todas as crianças com respeito e as ajuda em seu processo de construção de identidade. Posso afirmar que hoje sou uma mulher negra empoderada, consciente da minha história e orgulhosa de quem sou. Transformei dor em força, silêncio em voz e apagamento em presença. Carrego comigo o compromisso de abrir caminhos para que crianças negras cresçam sabendo que são valiosas, bonitas e capazes. Sou fruto de resistência, amor próprio e ancestralidade e sigo, todos os dias, construindo espaços onde nossas histórias sejam celebradas e respeitadas.

Assim, olho para tudo que meu povo viveu, olho meu passado escolar, olho para essa geração de criança do presente e me pergunto: A criança tem alguma visão do que é empoderamento? E é possível ter uma educação empoderada desde a infância da criança? E sigo, pesquisando, construindo narrativas que aqui apresento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	SEÇÃO 1 - CAMINHOS PERCORRIDOS PARA CHEGAR ATÉ AQUI	17
2.1	A ESCOLHA DO TEMA	17
2.2	O OBJETIVO GERAL	18
2.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
2.4	OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	19
2.5	ASSIM FOI FEITA UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.6	SEGUIMOS COM A PESQUISA DE CAMPO	20
3	SEÇÃO 2 - PINCELADA TEÓRICA	22
3.1	FEMINISMO NEGRO	22
3.2	EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA	23
3.3	INFÂNCIA NEGRA E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA	23
3.4	REPRESENTATIVIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E POLÍTICA	24
3.5	EMPODERAMENTO INFANTIL A PARTIR DO FEMINISMO NEGRO	24
3.6	OUTROS SUSTENTÁCULOS TEÓRICOS EM DIÁLOGO COM PROFESSORAS	26
4	SEÇÃO 3 - VOZES QUE PRECISAMOS OUVIR	31
4.1	DA UNIVERSIDADE À ESCOLA: A VOZ DAS FORMADORAS DE FORMADORAS	31
4.2	O OLHAR DO CHÃO DA ESCOLA: DIÁLOGO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	41
4.3	UM DIÁLOGO COM QUEM ESTÁ NO “CHÃO DA SALA DE AULA”	55
5	CONSIDERAÇÕES QUE TEMOS ATÉ AQUI	57
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, num âmbito geral, manifesta comportamento e cultura machistas e racistas, que afetam com intensidade as pessoas negras, em especial as crianças negras. O dia a dia nos mostra a triste realidade de crianças sofrendo racismo em vários lugares, e a escola é um dos territórios de incisão desenfreada.

Cotidianamente vemos, sabemos e / ou vivenciamos histórias de pessoas que não são empoderadas e sofrem muito por não terem autoconfiança, nem opinião própria. Muitas já passaram por relacionamentos abusivos e já fizeram coisas que não queriam por não saberem dizer “não”. Paralelo a isso, observamos que discutir acerca do “empoderamento negro” vem trazendo, a pessoas com esse perfil — que sofrem por não reconhecerem seus valores e, portanto, não sabem dizer “não” — caminhos para serem livres, terem um posicionamento e reconhecerem sua própria força.

Nessa perspectiva, situam-se as discussões e os projetos de identidade desde a primeira infância, processo que ajuda a construir a autoestima, fortalecendo a criação de uma imagem corporal positiva e saudável, incentivando as pessoas a se aceitarem integralmente como são e a respeitarem as diferenças, tratando — e buscando que tratem — o diferente como diferente, e não como desigual.

Essa observação nos leva a levantar a hipótese de que o “empoderamento negro infantil” ajuda as crianças a crescerem mais confiantes, insubmissas e menos dependentes.

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero. O empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos. (Sardenberg *apud* Berth, 2018.)

A relevância deste trabalho se dá ao trazer representatividade, empoderamento e feminismo negro como “saberes tácitos” de uma educação pautada na categoria de análise “empoderamento infantil”.

“Em seu sentido mais amplo, o feminismo constitui tanto uma ideologia como um movimento político global confrontando o sexismo – uma relação social na qual os homens, como um grupo, têm autoridade sobre as mulheres enquanto grupo”. (Collins, 2017, p. 1)

Pensar na especificidade do empoderamento infantil direciona à compreensão de um fortalecimento social, político e educacional para crianças, permitindo que desenvolvam habilidades e confiança em si mesmas — fatores fundamentais para a garantia de acesso a uma educação de qualidade desde as séries iniciais. Isso contribui para o aprendizado, desenvolvimento de habilidades, tomada de decisões e construção de autonomia - aspectos que refletem na autoestima e tendem a promover um caminho mais seguro, insubmisso e próspero.

Entende-se que uma criança empoderada será capaz de reconhecer e valorizar qualidades que a auxiliarão no desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação social, sabendo, desde cedo, expressar seus sentimentos, ideias e opiniões. Dessa forma, evita-se a formação de bloqueios psicossociais decorrentes dos preconceitos que a sociedade pode impor desde muito cedo.

Uma educação pautada no “empoderamento infantil” oferece às crianças uma forma simples de compreender seu papel na sociedade e na construção de um mundo mais equitativo. Permite trazer temas essenciais para um desenvolvimento amplo, como as discussões de gênero desde a infância, ensinando que meninos e meninas podem ter as mesmas oportunidades e direitos, sem distinção de sexo. Assim, é possível garantir que todas as crianças saibam que têm direito a acesso e oportunidades educacionais, profissionais e sociais, independentemente de raça, gênero ou sexo.

Dito isso, apontamos que o entendimento que subsidiou o desenvolvimento desta pesquisa se pautou na “representatividade” do “feminismo negro” desde a infância, com foco nos papéis fundamentais para uma “educação empoderada”, especialmente para crianças pertencentes a comunidades historicamente marginalizadas, que é a questão das crianças negras.

Dessa forma esse trabalho está dividido em três seções. A seção 1, Caminhos percorridos para chegar até aqui – escolha do tema, os objetivos, a metodologia, revisão bibliográfica, pesquisa de campo. Seção 2 - fazemos uma pincelada teórica sobre- Feminismo Negro, Educação antirracista, Infância negra, Representatividade, empoderamento infantil e outros sustentáculos teóricos que as professoras dialogam. A Seção 3- São as entrevistas - A fala de quem precisamos ouvir - Da Universidade à Escola.

2 SEÇÃO 1 - CAMINHOS PERCORRIDOS PARA CHEGAR ATÉ AQUI

2.1 A ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema “*A representatividade e o feminismo negro como ferramenta de uma educação empoderada para crianças: um diálogo entre professoras*” surge da percepção da necessidade de repensar a forma como educamos nossas crianças nas escolas. Busca-se, com isso, promover uma educação que valorize a diversidade, a equidade e a construção de identidades fortalecidas desde a infância, reconhecendo a importância do empoderamento e da representatividade na formação integral dos alunos.

Possamos assumir com afeto o compromisso de sermos “doadores de memórias” que socializam os conhecimentos sistemáticos historicamente desenvolvidos pelo coletivo para as novas gerações, visando a formação humana desses sujeitos, mas que compreendem de maneira fundamental o papel crucial da nossa profissão na construção de uma sociedade mais justa e igualitária” (Carine, 2021, p. 149).

Como afirma a autora Bárbara Carine, é essencial que a educação seja antirracista, acolhedora e capaz de fortalecer as identidades das crianças, para que elas cresçam se sentindo vistas, valorizadas e preparadas para construir um mundo mais justo e igualitário. A escola precisa ser um território relevante para o desenvolvimento social, e esse processo deve ser promovido desde a infância, pois, além de transmitir conteúdos, contribui para formar quem somos, desenvolvendo um olhar crítico e sensível para o mundo e para as relações interpessoais. Nesse contexto, as falas das professoras reforçam essa perspectiva. A professora Tereza de Benguela aponta que:

É de grande importância que o território escolar acolha todas as crianças, que elas se sintam vistas, representadas e consideradas em sua individualidade e diversidade, por isso trabalhar com o feminismo negro para o contexto da educação é abrir os olhos para questões que, muitas vezes, passam despercebidas, é um tema que vai ajudar na construção de uma educação mais justa, antirracista e inclusiva. Pois, é um tema que pode trazer reflexões sobre as opressões que cruzam o racismo, machismo, sexismo e as desigualdades sociais. (Benguela, 2025)

A professora incentiva a observação cuidadosa das experiências de meninas e mulheres negras, evidenciando como o racismo, o machismo e as desigualdades sociais impactam suas vidas desde a infância. Dessa forma, a reflexão se volta para a influência da ausência de representatividade na vida de pessoas negras, especialmente de mulheres, sobre a construção da autoestima, da identidade e da vivência social. A professora Maria Felipa ressalta que:

Abordar sobre a representatividade logo na infância é de fundamental importância para poder construir uma educação que empodere todas as crianças e valorize, e principalmente as crianças historicamente marginalizadas. E quando esse olhar é incluído nas práticas pedagógicas, temos um entendimento mais profundo sobre o que realmente significa educar com justiça, empatia e inclusão. A representatividade, nesse processo, é de fundamental importância para as crianças negras se reconhecerem nos livros, nos materiais didáticos, nas histórias contadas ou mesmo nas nossas posturas, elas se sentem valorizadas. Fortalecendo a autoestima e mostrando, na prática, que elas podem sonhar alto e ser o que quiserem. E também é importante que as crianças não negras também aprendam a respeitar e conviver com as diferenças de forma mais consciente e humana. (Felipa, 2025)

As falas das professoras evidenciam que, em sala de aula, é necessário refletir sobre caminhos possíveis para a implementação de uma educação antirracista, crítica e transformadora. Trata-se de uma educação capaz de formar crianças mais confiantes, seguras de sua identidade e preparadas para atuar na construção de uma sociedade pautada no respeito, na equidade e na justiça. Esse modelo educativo configura-se, assim, como uma prática que efetivamente promove liberdade e transformação.

2.2 O OBJETIVO GERAL

O objetivo geral se deu em Analisar de que forma o empoderamento infantil, articulado à representatividade e aos princípios do feminismo negro, pode contribuir para a construção da identidade, autoestima e autonomia de crianças negras na educação básica, a partir do diálogo com professoras e das práticas pedagógicas inclusivas, críticas e antirracistas.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivos específicos estiveram em Compreender o conceito de empoderamento no contexto do feminismo negro e sua relevância para o desenvolvimento integral das crianças negras; Investigar como a ausência de práticas educativas empoderadoras e representativas pode comprometer a formação intelectual, emocional e identitária da criança negra; Analisar de que maneira o empoderamento e a representatividade fortalecem crianças negras no enfrentamento do racismo, da desigualdade e dos estereótipos de raça e gênero; Identificar práticas pedagógicas que promovam a representatividade positiva e valorizem a identidade racial de crianças negras no ambiente escolar; Refletir sobre o papel da escola e das professoras na construção de uma educação antirracista que desconstrua estereótipos e favoreça o desenvolvimento de identidades negras fortalecidas.

2.4 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os caminhos metodológicos da pesquisa seguiram uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo. Teve como objetivo compreender, de forma sensível e aprofundada, como a representatividade e os princípios do feminismo negro podem ser incorporados ao ambiente educativo, atuando como ferramenta potente para a construção de uma educação empoderada desde a infância. Especificamente, buscou-se investigar, por meio do diálogo com professoras atuantes em sala de aula, o empoderamento infantil e de que forma esse saber-fazer contribui para a construção de uma educação mais crítica, inclusiva e fortalecedora desde os primeiros anos da infância. Nesse sentido, o diálogo com as professoras, realizado por meio de entrevistas, vai além de um procedimento metodológico, constituindo-se também em um dos objetivos centrais desta pesquisa. Pretende-se, dessa forma, compreender as diferentes percepções e concepções das educadoras e, simultaneamente, contribuir para que revisitam suas práticas pedagógicas, realizando, como propõe a tradição do povo Akan, um exercício do conceito de *Sankofa* — olhar para o passado a fim de construir um futuro mais consciente e transformador.[...] (olhando para trás) que sabemos quem somos; e é só sabendo de onde viemos e quem somos, a partir da nossa agência ancestral, que conseguimos construir novos passos rumo à emancipação do nosso povo. (Carine, p. 99).

Assim, acredito que a partir da conexão entre os conhecimentos apontados por essas professoras em diálogo com autores aqui referenciados podemos num futuro apontar caminhos outros, por meio de seguimento de pesquisa.

Para trabalhar essa temática com sensibilidade, foi selecionado alguns autores que consideramos fundamentais na construção de uma proposta de representatividade e empoderamento no contexto educativo, valorizando vozes historicamente silenciadas, e com isso imaginamos um ambiente escolar que reconheça e celebre a diversidade, promovendo o desenvolvimento da autoestima, do pertencimento e da consciência social entre crianças de diferentes origens.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de dois principais caminhos metodológicos:

2.5 ASSIM FOI FEITA UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Assim foi feita uma revisão bibliográfica com um estudo com base em autoras e com um estudo com base em autoras e autores que tratam de temas como representatividade, educação antirracista, feminismo negro e infância: Angela Davis, bell hooks, Bárbara Carine,

Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes entre outros que contribuem de forma significativa para essas discussões.

2.6 SEGUIMOS COM A PESQUISA DE CAMPO

Seguimos com a pesquisa de campo realizando investigação por meio de questionários e entrevistas semi estruturadas com professoras que atuam na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e questionário com professoras universitárias, que formam essas professoras. A ideia centrou em entender melhor sobre as práticas pedagógicas, a forma como as professoras tanto da educação básica: quanto da educação superior se relacionam com os conceitos de representatividade e empoderamento e perceber se é de que forma os princípios do feminismo negro podem estar desde as series iniciais para fortalecer a criança no hoje e, mulher no futuro.

Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (O entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. (Gaskell, 2000, p. 74)

Dessa maneira, as entrevistas foram um elo de fortalecimento e de compreensão do que me inquietava e a percepção para que caminho podemos seguir. Sem receita pronta e, portanto, com um olhar que foi chamado de “ferramenta” mas que entendemos que se dá por incorporação e saberes. A entrevista foi a abordagem que se mostrou bastante adequada para ouvir e compreender as percepções e vivências das professoras sobre a representatividade e o feminismo negro dentro do contexto escolar. Assim, as entrevistadas podem nos apontar que trazer as discussões acerca de empoderamento, auto estima para a escola, desde as primeiras séries da educação básica, se torna relevante em vários aspectos, entre outros na perspectiva do trato com a identidade, quebra de estereótipos — fatores que fortalecem o indivíduo desde a infância até a fase adulta.

A escolha de ser a auditiva a partir das docentes, se deu pela importância do papel que acredito que essas profissionais desempenham na formação das crianças e na construção de um ambiente educacional que acolha, valorize e fortaleça identidades diversas. Ao analisar as respostas busquei identificar categorias e sentidos relacionados à temática proposta.

A escolha das escolas participantes foi com base em critérios como localização e diversidade do corpo discente, e a participação dos(as) docentes foi de forma voluntária, e assinaram um documento que garante o sigilo e a ética na pesquisa.

3 SEÇÃO 2 - PINCELADA TEÓRICA

O presente referencial teórico busca compreender como a representatividade, o feminismo negro e a educação antirracista contribuem para o empoderamento de crianças negras, situando a infância como etapa fundamental na consolidação de identidades positivas.

As professoras entrevistadas reforçam a perspectiva que as mulheres feministas trazem, fazendo um diálogo no campo pedagógico ao relatar que crianças negras apresentaram mais confiança e desenvolvimento emocional quando são trabalhadas com literatura e atividades que valorizam a cultura afro-brasileira.

3.1 FEMINISMO NEGRO

O feminismo negro é uma matriz teórica que denuncia a articulação entre racismo, capitalismo e patriarcado. Como lembra Angela Davis (2016), a opressão das mulheres negras é historicamente atravessada pela exploração do trabalho, pela violência de gênero e pela desumanização racial. Esse tripé estruturante impede leituras simplificadas da condição das mulheres negras, exigindo um olhar que considere simultaneamente gênero, raça e classe.

Djamila Ribeiro (2017) reforça que não é possível compreender o feminismo negro apartado da realidade brasileira, marcada pela colonialidade e pelo mito da democracia racial, que sustenta práticas de silenciamento e apagamento das experiências negras. Para a autora, dar centralidade às vozes das mulheres negras é fundamental para construir conhecimento comprometido com justiça social.

Bárbara Carine (2021), por sua vez, evidencia que o feminismo negro atua também como projeto epistemológico: é uma forma de pensar e produzir conhecimento que desafia lógicas eurocentradas e valoriza saberes historicamente marginalizados. Essa perspectiva é essencial para compreender a infância negra, pois os processos de construção identitária começam muito antes da adolescência ou vida adulta, sendo fortemente influenciados por práticas pedagógicas.

Ao reconhecer o feminismo negro como ferramenta analítica e política, o presente estudo o adota como base para compreender como a escola pode promover práticas que valorizem a identidade das crianças negras, evitando a reprodução de narrativas de subalternidade.

3.2 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

A escola, enquanto instituição social, pode atuar como agente de reprodução do racismo ou como espaço de transformação. Nilma Lino Gomes (2005) propõe que a educação antirracista não deve ser tratada como ação pontual, mas como projeto contínuo de enfrentamento às desigualdades, sustentado por intencionalidade política, escolhas curriculares e práticas pedagógicas comprometidas com a valorização das culturas negras.

Segundo Gomes (2002), o racismo se manifesta no ambiente escolar por meio de omissões, ausências, estereótipos e silenciamentos, que impactam diretamente a autoestima e a identidade das crianças negras. A autora afirma que a escola tem responsabilidade histórica na produção dessas desigualdades, mas também possui potencial transformador quando reconhece e valoriza a diversidade racial.

Bell hooks (2018) contribui ao afirmar que uma educação crítica deve permitir às crianças — de todas as origens — compreender as estruturas que moldam suas vidas. Para hooks, ensinar pensamento crítico não é apenas instruir, mas oferecer ferramentas para que os sujeitos “leiam o mundo”, reconheçam injustiças e se tornem agentes de transformação.

Esse posicionamento ecoa nas falas das professoras entrevistadas neste TCC, que afirmam que trabalhar com literatura afro-brasileira, narrativas negras e práticas pedagógicas inclusivas fortalece o desenvolvimento emocional e crítico das crianças negras.

3.3 INFÂNCIA NEGRA E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

A construção da identidade racial na infância é atravessada por experiências afetivas, estéticas e simbólicas. Cheryl Grills e outros estudiosos da psicologia do desenvolvimento racial apontam que crianças negras começam a perceber as diferenças raciais muito cedo, e suas primeiras experiências com o racismo podem deixar marcas profundas. No contexto brasileiro, Nilma Lino Gomes (2002) destaca que a ausência de representatividade e a presença de estereótipos são fatores que fragilizam a construção de identidades positivas.

Djamila Ribeiro (2019) ressalta que crianças negras crescem em um país que frequentemente lhes nega referências positivas, produzindo sentimento de inferioridade ou inadequação. É por isso que a representatividade é mais do que uma questão estética: trata-se de elemento constitutivo da subjetividade. Para Ribeiro, ver-se refletida em narrativas, imagens e personagens fortalece a autoestima e rompe com o imaginário que coloca pessoas negras em posições subalternas.

Bárbara Carine (2021) complementa afirmando que a infância é o terreno simbólico onde imaginários são cultivados. Quando a criança recebe apenas narrativas brancas como universais, aprende a negar partes essenciais de sua identidade. Já quando encontra referências negras positivas, amplia sua percepção de pertencimento e valor.

As entrevistas realizadas em sua pesquisa confirmam essas leituras: professoras relatam que crianças negras se reconhecem, se valorizam e se expressam com mais segurança quando veem personagens, histórias e autores negros no ambiente escolar.

3.4 REPRESENTATIVIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E POLÍTICA

A representatividade, ao contrário do senso comum, não é apenas a presença de figuras negras em livros ou cartazes. Ela envolve a produção de imagens e narrativas que afirmam a humanidade, complexidade e potência das pessoas negras. Bell hooks (1994) argumenta que a ausência de representatividade é uma forma de violência simbólica, pois ensina às crianças quais corpos merecem ser vistos e quais são invisibilizados.

Djamila Ribeiro (2019) reforça que representatividade é também disputa de poder: quem aparece, quem narra, quem é protagonista. Para a autora, oferecer referências negras positivas é fundamental para romper com o imaginário racista que estrutura as relações sociais.

Angela Davis (2016) contribui ao mostrar que imagens e discursos são parte central das estratégias de opressão — e, portanto, também das estratégias de resistência. Inserir representações negras positivas no ambiente escolar é uma forma de combater simbolicamente narrativas que historicamente desumanizaram populações negras.

No contexto da educação infantil, Bárbara Carine (2021) lembra que os materiais didáticos moldam afetividades e imaginários, e por isso precisam ser cuidadosamente escolhidos. A escolha de livros com protagonistas negros, histórias africanas e afro-brasileiras, bem como práticas que celebram ancestralidades, são ações que promovem identificação e pertencimento.

3.5 EMPODERAMENTO INFANTIL A PARTIR DO FEMINISMO NEGRO

Empoderamento, segundo Joice Berth (2019), é o processo pelo qual indivíduos desenvolvem consciência crítica sobre sua realidade e capacidade de agir sobre ela. Para as crianças negras, esse processo passa por três dimensões principais:

1. **Autoconhecimento e autoestima** — reconhecer que seus corpos, cabelos, culturas e histórias têm valor.
2. **Consciência racial e crítica** — aprender a identificar e enfrentar injustiças.
3. **Participação e protagonismo** — ocupar espaços de fala e ação na escola.

Bell hooks (1994) articula o empoderamento à educação emancipatória, afirmando que crianças devem ser estimuladas a construir voz própria, compreender seu valor e desenvolver autonomia.

Nilma Lino Gomes (2002) destaca que o empoderamento racial na infância está diretamente ligado às experiências escolares: quando crianças negras recebem reconhecimento, apoio e referências positivas, ampliam suas possibilidades de existência e atuação no mundo.

O diálogo entre Angela Davis, bell hooks, Bárbara Carine, Djamila Ribeiro e Nilma Lino Gomes revela que o enfrentamento ao racismo e à desigualdade começa na infância e que a escola desempenha papel central nesse processo. O feminismo negro fornece a base teórica que permite compreender como opressões se articulam; a representatividade oferece meios simbólicos de afirmação identitária; e a educação antirracista estabelece caminhos pedagógicos para transformar práticas e realidades. Nesse contexto, empoderar crianças negras não é um ato isolado, mas um compromisso ético, político e pedagógico. É reconhecer que elas têm direito à autoestima, à voz, à narrativa, ao protagonismo e à afirmação de suas identidades, construindo caminhos para uma sociedade mais justa.

Dessa forma, o estudo atingiu seu objetivo, circunscrito em: compreender o conceito de empoderamento segundo o feminismo negro; analisar como a ideia de empoderamento pode fortalecer a criança frente ao racismo e à desigualdade; compreender as consequências de uma educação desprovida de empoderamento e como esta compromete a formação intelectual e identitária da criança negra; problematizar discussões sobre o empoderamento infantil e sua relevância no desenvolvimento socioemocional e educacional das crianças; refletir sobre a contribuição do feminismo negro para a promoção de uma educação inclusiva, crítica e transformadora; e, por fim, identificar práticas pedagógicas que favoreçam a representatividade positiva de crianças negras no ambiente escolar.

A formação da identidade das crianças negras e a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça racial exigem um diálogo rigoroso com pensadoras e pensadores que analisam criticamente as estruturas sociais que produzem desigualdade. Nesta pesquisa, o referencial teórico se fundamenta especialmente nas contribuições de Angela Davis, bell hooks, Bárbara Carine, Djamila Ribeiro e Nilma Lino Gomes, autoras que tensionam temas como racismo, feminismo negro, educação antirracista, representatividade e infância. Suas reflexões

convergem ao apontar que a escola é um campo de disputa política e simbólica, onde identidades são formadas, legitimadas ou anuladas. Bárbara Carine (2021) afirma que educar é também “doar memórias”, reconhecendo que nenhum sujeito se constitui de forma neutra, mas a partir das histórias que lhe são entregues. Assim, o ambiente escolar tem papel decisivo na formação de imaginários, percepções e pertencimentos. Bell hooks (1994), ao discutir uma educação como prática de liberdade, reforça que o processo educativo é inseparável da construção de subjetividades críticas e capazes de reconhecer e transformar realidades opressoras.

3.6 OUTROS SUSTENTÁCULOS TEÓRICOS EM DIÁLOGO COM PROFESSORAS

O empoderamento infantil se manifesta de maneira concreta em alguns aspectos essenciais para a formação da identidade e da autoestima. Entre eles, trago duas categorias e outros referenciais teóricos que sustentam-na:

1) **Autoestima negativa e falta de identidade** – A presença de figuras representativas nas narrativas educacionais permitem que as crianças se identifiquem e construam uma identidade, especialmente quando são traduzidas com base na diversidade étnica e de gênero. Para Briggs (2002), autoestima é a maneira pela qual um indivíduo se sente em relação a si mesmo. A autoestima se constitui em um juízo de valor expresso por meio de atitudes em face de si próprio, sendo uma experiência subjetiva evidenciada aos outros por meio de relatos verbais e expressões públicas de comportamento.

O conceito de autoestima que orienta esta proposta segue os pressupostos de Branden (2002), que apresenta seis atitudes fundamentais que necessitam ser desenvolvidas: (1) viver conscientemente, (2) autoaceitação, (3) autorresponsabilidade, (4) autoafirmação, (5) intencionalidade e (6) integridade pessoal.

Bermúdez (2001) faz uma relação entre autoestima e o rendimento escolar, apontando que se a autoestima é positiva, a criança pode ter um melhor rendimento na escola que aquela que tem uma autoestima baixa. A premissa corrobora com o que Stevanato et al. (2003) relatam das crianças que têm dificuldade de aprendizagem, as mesmas apresentam uma auto imagem inferior quando comparadas àquelas que não apresentam a mesma dificuldade. Tal ideia também é afirmada por Guenther (1997), que aponta que estudantes que vivenciam o fracasso escolar acreditam serem incapazes; esse ciclo, internalizado em suas mentes, produz uma relação de submissão, insegurança e inferioridade. Assim, Bermúdez (2001) reforça esse

entendimento ao afirmar que uma das condições para o sucesso escolar é a manutenção de uma autoestima positiva.

2) Quebra de estereótipos – No momento em que as crianças veem suas representatividades além dos limites impostos pelos estereótipos que lhes são atribuídos ao longo da vida, passam a compreender que não existem limites para o que podem alcançar, independentemente de sua raça ou gênero.

Desse modo, uma educação que integra a representatividade e o feminismo negro prepara as crianças para viverem e contribuírem com uma sociedade cada vez mais diversificada e inclusiva, possibilitando a construção de uma compreensão mais rica e respeitosa de que o diferente não é desigual (Santos, 2008). Tal abordagem instrui para um futuro mais igualitário e justo.

Entender desde cedo “quem somos”, dentro da potencialidade da existência, bem como cultivar o respeito pelos próprios limites e pelos limites do outro, fortalece a identidade no que se refere à forma como a pessoa se vê, se identifica e é percebida pelos demais. Isso engloba uma série de elementos que definem outras dimensões identitárias, como a cultural, a de gênero e a racial.

No texto Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo, Gomes (2003) nos traz a ideia de que “nenhuma identidade é construída no isolamento”. Isso nos faz refletir sobre a importância que a representatividade infantil exerce sobre o imaginário das crianças. Não se trata apenas de uma representação; é muito mais que isso. Trata-se da importância do reconhecimento por meio do olhar do outro, do que é visto, e isso revela diversas especificidades, entre as quais se encontra a construção da identidade negra. As não-identidades, invisibilidades e negações podem delinear marcas que serão refletidas na adolescência ou na vida adulta.

o processo de construção da identidade negra é muito mais complexo, instável e plural. Apesar das marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positiva mente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. (Gomes, 2003, p. 178)

As crianças precisam de incentivos de todos os territórios de formação que as circundam — família, escola, comunidade religiosa, rua, entre outros — para que, cada vez mais, possam crescer livres das amarras de uma sociedade machista, racista e preconceituosa, que, em geral, tende a lançar farpas que impedem um crescimento sem a sombra da submissão, da inferioridade e do negacionismo.

Quebrar as armadilhas impostas desde a Educação Infantil é uma das agendas que a escola pode assumir, à medida que busca promover uma visibilidade igualitária, com mudanças sociais na perspectiva antirracista e contrária ao elitismo e ao sexismo. As crianças têm conhecimento e entendimento do que ocorre ao seu redor, e esse entendimento pode deixar marcas que afetam diretamente a construção de sua personalidade. Com a perspectiva do empoderamento infantil, a criança pode se sentir mais segura e confiante sobre quem é, sobre suas origens, reconhecendo sua própria identidade, longe do medo de se ver e se reconhecer como parte negativa de um todo associado a características de uma raça dita inferior.

uma ideologia essencialista pautada na divisão de grupos de pessoas por meio de "raças", logo de características físicas possuindo relação direta com características psicológicas, morais e comportamentais, e que, em decorrência disso, existem "raças" superiores e inferiores. (Munanga *apud* Grossi; Pilar, 2018, p. 205)

O preconceito racial, a discriminação e o racismo são realidades impregnadas na estrutura da sociedade brasileira, atingindo inclusive as crianças não brancas. Segundo Nanda Perim (2022, p. 56), “o imaginário é a capacidade que a criança tem, ainda sem conhecer bem o mundo, de acreditar que absolutamente tudo é possível”. As crianças podem começar a vivenciar o racismo desde muito cedo, por meio de brincadeiras ou ações discriminatórias de colegas, adultos ou instituições. O racismo na infância pode gerar impactos significativos na autoestima, na identidade e no desenvolvimento emocional, psicológico e social das crianças. **É necessário reconhecer a existência do racismo na infância e adotar medidas para combatê-lo**, garantindo que todas as crianças possam crescer em um ambiente inclusivo e livre de discriminação racial.

Dito isso, observamos a relevância de caminhos que desempenhem um papel de cuidado e bem-viver na educação das crianças, especialmente daquelas pertencentes a grupos que enfrentam desafios decorrentes de diversas formas de discriminação e racismo. Esses caminhos, que pedagogicamente chamaremos de **ferramentas — um saber tácito**, o empoderamento infantil — podem ajudar as crianças a questionarem estereótipos prejudiciais associados às diversas discriminações, preconceitos e racismos, possibilitando uma visão e compreensão crítica dos acontecimentos ao seu redor. Essa abordagem pode fortalecer a autoestima, incentivando-as a valorizar sua identidade e a sentir orgulho de ser quem realmente são. Ensina às crianças, em especial às meninas negras, que elas têm o direito de ser o que são, de ocupar os espaços que desejarem e de falar quando sentirem necessidade, podendo tomar decisões sem

e limitar a relações de identidade de gênero, raça, religiosidade ou classe. Isso promove equidade nos espaços e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, a relevância do empoderamento infantil, na sociedade atual, fundamenta-se na garantia de um futuro não racista, não sexista e não homofóbico. Tal perspectiva busca trazer confiança, aceitação, valorização e confirmação da identidade dessas crianças de hoje para os adultos de amanhã.

O empoderamento refere-se a princípios, como a capacidade de indivíduos e grupos agirem para garantir seu próprio bem-estar ou seu direito de participar da tomada de decisões que lhes dizem respeito, que orientaram pesquisa e intervenção social entre populações pobres e marginalizadas. (Berth, 2019, p. 27)

Numa sociedade em que as desigualdades de gênero e raça persistem, é fundamental que a escola se torne um território de saber pautado na desconstrução de conceitos que deformam ou invisibilizam os sujeitos ali existentes e na construção de novas narrativas que valorizem as identidades que circundam esse espaço. Isso propicia uma visão crítica e transformadora da sociedade, desafiando estruturas opressoras. Nesse sentido, trazer à tona discussões e ações sobre empoderamento infantil é fundamental e essencial na desconstrução de estereótipos, podendo transformar o ambiente escolar em um espaço de pertencimento para crianças negras. Assim, pautamo-nos em entrevistar pedagogas para nos apropriarmos dessas assertivas.

Em entrevista, a professora Antonieta de Barros nos traz que:

São diversos os caminhos a serem percorridos para que as crianças absorvam os conceitos de empoderamento e transforme-os em ações para a vida, caminhos estes desde , representação de figuras e histórias negras em materiais educacionais, na literatura infantil e nas atividades escolares nos desenhos que as crianças assistem na escola , podendo permitir que reconheçam a si mesmas de forma positiva, contribuindo para o desenvolvimento de sua autoestima e identidade e fortalecimento da personalidade. E a ausência da representatividade, pode contribuir para grandes traumas na infância que podem inviabilizar e marginalizar suas experiências, gerando sentimentos de exclusão e, muitas vezes, de inferioridade. (Barros, 2025)

Pensando no sistema educacional e na sua importância de repensar seus currículos, suas metodologias e suas práticas, incluindo histórias, vozes e figuras negras que até então foram invisibilizadas, ao trazer essas perspectivas para a sala de aula, o feminismo negro contribui diretamente para uma educação que acolhe e valoriza todas as crianças, respeitando suas origens e promovendo um ambiente onde a autoestima e a autovalorização podem fluir de forma positiva.

A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para conscientização crítica exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas. E, com muita frequência, os pensamentos retrógrados sobre gênero continuam sendo norma nos parquinhos. A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículo sem preconceitos. (Hooks, 2018, p. 37).

A professora Maria Felipa também nos traz que a escola é um ambiente ao qual a criança tem mais acesso no dia a dia, o local onde absorve conhecimentos e estabelece trocas com professores e outras crianças. A escola é um lar de conhecimentos e vivências, com profundo impacto na formação pessoal e social. Assim, quando as crianças veem histórias e características de sua cultura sendo valorizadas e respeitadas na escola, reconhecem-se nesses personagens literários, líderes históricos, cientistas, artistas e outras figuras inspiradoras que ali são apresentadas, ampliando suas referências e fortalecendo seu senso de valor e pertencimento.

Dessa forma, o presente estudo buscou compreender de que maneira o empoderamento infantil, fundamentado no feminismo negro e na representatividade, pode contribuir para a construção da identidade, da autoestima e da autonomia de crianças negras no ambiente escolar, em um contexto marcado por práticas racistas, discriminatórias e pela invisibilização da diversidade. Embora não seja possível afirmar que todas as questões que motivaram a investigação tenham sido plenamente respondidas, a análise das opiniões de professoras da Educação Infantil acerca do empoderamento infantil, aliado à representatividade e ao feminismo negro, evidenciou caminhos que podem favorecer a construção da identidade, da autoestima e da autonomia de crianças negras na educação básica, promovendo práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas.

4 SEÇÃO 3 - VOZES QUE PRECISAMOS OUVIR

Este Capítulo apresenta o diálogo estabelecido entre a pesquisadora e mulheres que atuam diretamente na formação docente — professoras universitárias — bem como educadoras que vivenciam cotidianamente o Ensino Infantil. Optou-se metodologicamente por manter a estrutura de perguntas e respostas, trazendo as falas das entrevistadas como excertos que preservam suas vozes, experiências e percepções. Ao longo da apresentação das entrevistas, são tecidos comentários analíticos que buscam evidenciar os sentidos produzidos pelas interlocutoras.

O objetivo desta seção é compreender como determinados **eixos de análise** — relacionados às práticas pedagógicas, às relações raciais na escola e às experiências de mulheres negras na educação — emergem das entrevistas e revelam aspectos significativos da realidade escolar.

4.1 DA UNIVERSIDADE À ESCOLA: A VOZ DAS FORMADORAS DE FORMADORAS

A primeira formadora, aqui identificada pelo nome fictício Maria Felipa, é uma mulher negra, professora universitária, nascida no sudoeste baiano. Sua trajetória acadêmica e profissional é marcada pelo compromisso com a formação crítica e pela construção de práticas pedagógicas que valorizam saberes afro-brasileiros.

A segunda formadora, nomeada como Tereza de Benguela, é uma mulher preta, feminista, educadora, filha e neta de trabalhadoras domésticas. Tornou-se professora por decisão própria e, além da docência, tem na culinária sua segunda paixão. Como filha de Oxum, afirma que *"cozinhar é um ato político e de amor"*, revelando a dimensão ancestral e política que atravessa sua formação e seu fazer pedagógico.

1- Como a senhora define o conceito de empoderamento?

A Professora Maria Felipa, nos traz que:

compartilho da definição de empoderamento com aquele cunhado pela autora Joice Berth (2018), ao assinalar que o empoderamento trata-se de um processo de cunho individual e coletivo que visa promover ferramentas para que grupos de indivíduos situados em posição de desvantagem social sejam capazes de atuar diante de questões que impactam diretamente suas vidas, tornando-se protagonistas de suas histórias. Assim, o empoderamento deve necessariamente repercutir em uma mudança social.

Ainda, de acordo com a autora, o empoderamento feminino é um conceito que surge a partir de problematizações alavancadas realizadas por mulheres não brancas para debater demandas que giravam em torno de sua existência e sobrevivência, bem como as condições de opressão e marginalização enfrentadas por elas. (Felipa, 2025)

A fala revela uma compreensão profunda e significativa acerca do conceito de empoderamento, especialmente quando analisada a partir da perspectiva de Joice Berth. Destacar o empoderamento como um processo que ocorre tanto no plano individual quanto no coletivo mostra-se essencial, pois evidencia que mudanças reais não se concretizam isoladamente; elas emergem da vivência, das trocas e das lutas compartilhadas por aqueles que historicamente estiveram à margem das oportunidades. Mulheres negras, em particular, têm ocupado a linha de frente das resistências, enfrentando estruturas opressoras e construindo, com coragem e criatividade, caminhos de sobrevivência e transformação. Muitas vezes, esse protagonismo ocorre sem o devido reconhecimento, mas é fundamental compreender que empoderar vai além do fortalecimento de indivíduos: trata-se de promover mudanças que impactem o coletivo, criando condições efetivas para que pessoas historicamente silenciadas possam viver com dignidade, ocupar espaços e reescrever suas histórias com autonomia e poder de decisão.

Para a Professora Tereza de Benguela:

o empoderamento pra mim como mulher negra é conquistar seu lugar no mundo e estar no mundo que desde cedo a gente aprendeu que ele não estava por inteiro, você falar na hora que você tiver vontade, não ter vergonha de falar, expor suas ideias, é você brigar por algo que você acredita e não ser taxada de uma mulher raivosa, porque a sociedade a gente tem imagens de controle que nos coloca em determinados lugares então nós mulheres negras a gente está sempre sendo colocadas em um lugar numa imagem de controle como raivosa como dominadora então é ser empoderada nesse espaço é você poder ser quem você é quando você quiser empoderamento pra mim é isso você ser esta no mundo como você é com seu cabelo com seu corpo com sua cor em qualquer lugar que você esteja e nada impede você a não ser que você não queira, empoderamento é ser quem você é em qualquer lugar e ser o que você quer ser. (Benguela, 2025)

A partir do relato da professora Tereza de Benguela, o empoderamento é compreendido como uma afirmação de identidade, liberdade e resistência. Ser mulher negra e conquistar seu espaço no mundo configura uma forma de romper com imposições históricas e sociais que buscam silenciar, controlar e invisibilizar. Desde cedo, as crianças negras são ensinadas de maneira velada que certos espaços não lhes são destinados. Contudo, ao expressar suas ideias com coragem e lutar por aquilo em que acredita, a professora Tereza de Benguela exemplifica como é possível transformar o espaço social. Nesse sentido, o empoderamento também se manifesta na vivência da autenticidade sem pedir permissão, recusando estereótipos que

rotulam mulheres negras como raivosas ou dominadoras, e demonstrando que tais imagens de controle não definem a identidade. Ser empoderada implica existir com liberdade, assumindo plenamente seu cabelo, corpo e cor, e ocupar os espaços que desejar, garantindo o direito de viver com dignidade e força.

2- A senhora acredita que é possível trabalhar o empoderamento desde a infância?

Professora Maria Felipa, aponta que

Primeiramente, é importante sinalizar como compreendo a infância. Me filio as formas como a Sociologia da Infância, ao longo do tempo, vem entendendo a infância e suas transformações, já que, como afirmam Sarmiento & Pinto (1997, p. 11), as crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII. Tanto as representações sociais quanto as crenças e os dispositivos de socialização foram elaborados no período da modernidade e na primeira fase do capitalismo, foram em torno de uma norma ocidental da infância que correspondia a uma visão única de criança como ser humano em processo de desenvolvimento, socializável, nascida e criada no interior da família nuclear, obrigada à frequentar a escola e, progressivamente, proibida ao acesso a um conjunto de atividades e práticas sociais: trabalhar, votar e ser eleita, ter relações sexuais, consumir álcool, andar sozinha na rua, sobretudo à noite, ter e movimentar uma conta bancária autônoma, etc. A norma ocidental da infância veio a constituir-se como “norma universal”. Para outras leituras sobre a infância, a partir de uma perspectiva sociológica crítica, é possível considerá-la ao mesmo tempo como uma construção histórica, um grupo social que é oprimido e, uma “condição social”, ou seja, a infância é uma “condição social” em que um grupo social, no caso as crianças, vive condições específicas de exclusão, em função das relações de poder que são estabelecidas pelos e entre os adultos, dito de outra forma, em qualquer situação em que as crianças se encontram, as relações dos adultos sobre elas, são desiguais. Essas relações de poder normalmente são interseccionadas com outras formas de dominação social, como por exemplo, a de classe, de gênero, de raça, de idade, política, cultural etc.

Para ficar mais compreensível, é importante frisar que a norma ocidental criada na modernidade e suas formas de representação social da infância, não são garantidas em contextos com processos de escolarização tardios, abandono escolar, modelos de organização familiar diferenciados da “família nuclear” e, sobretudo, com condições sociais marcadas pela exclusão e pela negação dos direitos, como é o caso da realidade brasileira. Assim, pensar o empoderamento desde a infância, requer estudar as crianças que vivem para além da norma ocidental, ou seja, é necessário evidenciar outras formas de normatização, composta por uma análise da realidade brasileira e das construções sobre raça, racismo e desigualdades e, como essa realidade impacta a subjetividade da criança, sua identidade e pertencimento étnico-racial. Com isso quero dizer, ainda seguindo uma análise pautada em uma perspectiva sociológica crítica, que a criança que vive à margem daquela definida como norma ocidental, como as crianças negras, por exemplo, vivem suas infâncias de outras formas, com as suas necessidades, os seus modos de apreensão e simbolização do mundo. Por isso, trabalhar com o empoderamento desde a infância requer verificar o ponto de vista das crianças em relação ao como elas vivem as situações de desigualdades históricas bem como o racismo. Somente assim, é possível ampliar o conhecimento não apenas sobre as crianças, as suas experiências e representações, mas sobre a realidade social mais ampla e como as ações e estratégias desenvolvidas pelo movimento negro – diga-se,

pelos adultos – para o enfrentamento ao racismo, desigualdades, discriminação e preconceito, têm transformado a realidade e possibilitado o empoderamento da população negra de uma forma geral, das mulheres negras de uma forma particular e, das crianças negras especificamente, com isso afirmo que: são as crianças, em suas condições de infâncias, que dão evidências se as transformações ocorridas em função de lutas e resistências negras, impactam e transformam o mundo. (Felipa, 2025)

A professora Maria Felipa despertou uma reflexão profunda e necessária sobre a forma como a infância é compreendida. Ela convida a perceber que ser criança não é uma condição naturalmente igual para todos, mas algo construído a partir de contextos históricos, culturais e políticos. Ao examinar mais atentamente as infâncias, torna-se evidente a urgência de romper com a imagem idealizada e universal de infância, frequentemente baseada em um modelo branco e eurocêntrico, distante da realidade de muitas crianças brasileiras. A infância é, na verdade, atravessada por desigualdades que se entrelaçam com questões de raça, gênero, classe social, entre outras dimensões. Dessa forma, ser criança no Brasil não constitui uma experiência única, mas é profundamente marcada pelo lugar que cada uma ocupa na sociedade. Reconhecer essa diversidade é um passo importante para a construção de olhares mais justos, acolhedores e precisos sobre a experiência infantil em um país tão diverso. Nesse sentido, a infância deve ser compreendida também como uma condição social, vivida de maneiras distintas por diferentes crianças. As desigualdades de raça, gênero, classe e outras dimensões não atuam isoladamente, mas se interconectam, influenciando significativamente a forma como cada criança experimenta o mundo ao seu redor.

A professora Jacqueline Costa estende para outros campos para nos responder:

Se é possível trabalhar empoderamento desde a infância, com certeza, eu creio que sim. Não só dentro da escola, mas na família, na sociedade, porque o papel antirracista não é só da escola, mas é um conjunto de ações. O currículo, o tratamento, as relações sociais com as crianças, como elas socializam, o recreio. Então, a escola precisa estar muito atenta, a escola, a família, os amigos, o meio em que essas crianças vivem. Eu acredito que sim, que é possível trabalhar empoderamento desde a infância e ser um projeto de sociedade, assim, porque é desde criança que a gente precisa se entender nesse corpo de mulher preta, homem negro, pra a gente se assumir enquanto o que é que eu quiser. **(Profa. Dra. Jacqueline Costa, 50 anos, natural de Cáceres/MT, docente da Unilab-Ceará).**

Concorda-se com a afirmação de que o empoderamento não é responsabilidade exclusiva da escola, mas um projeto que envolve a sociedade como um todo. Família, escola e comunidade desempenham papéis fundamentais na construção de uma infância que valorize a identidade negra, ensine desde cedo a amar o próprio corpo e a própria cor, e incentive o reconhecimento e orgulho de si mesmo. As relações estabelecidas e os momentos de socialização, como o recreio, também integram a formação da criança, uma vez que a forma

como ela é tratada, apresentada e acolhida impacta diretamente a percepção que tem de si mesma no mundo. Dessa maneira, o empoderamento deve estar presente em todos os espaços que a criança ocupa, não apenas nas palavras, mas nas práticas diárias. Empoderar crianças desde a infância significa permitir que meninas e meninos negros se reconheçam como sujeitos potentes, belos, capazes e donos de suas histórias e sonhos. Para tanto, é imprescindível que a sociedade como um todo esteja comprometida, desde os lares até os espaços públicos e educacionais.

3 - Qual o conceito que a senhora tem sobre empoderamento de crianças negras?

Maria Felipa, dialoga com o campo da sociologia da infância para nos responder que

Com a normatização ocidental, como mencionado na questão anterior, as crianças foram pensadas e reguladas por meio de um conjunto de interdições e de prescrições que sucessivamente negam ações, capacidades ou poderes às crianças em função da crença na suposta incompetência delas: criança é o que não vota, nem pode ser eleito; o que não sabe e por isso tem de estudar; não é responsável e por isso é inimputável; não pode se casar; não paga impostos; não trabalha; não frequenta espaços onde se vendem bebidas alcoólicas; não participa em negócios, etc. Em contraposição com isto, a Sociologia da Infância, campo ao qual me filio, estrutura-se em torno da ideia ou paradigma da competência infantil. Isso é, todas as crianças são competentes no que fazem, considerando a sua experiência e as suas oportunidades de vida, sendo que as suas áreas de competência são distintas das áreas de competência adulta. No caso das crianças negras no Brasil, como dito, tais normas não se aplicam à elas, então, para pensar em um possível empoderamento de crianças negras, é necessário saber quais são as competências infantis atribuídas à elas ao longo do processo histórico e, descortinar a criança existente para além da pele, das garras da racialização. Em artigo publicado com a professora Nilma Lino Gomes, em 2021, “Do poder disciplinar ao biopoder à necropolítica: a criança negra em busca de uma infância descolonizada”, realizamos a discussão sobre como as crianças pobres, até a década de 1980, eram consideradas como “menores” e “delinquentes” e as discussões que pautaram o grupo que participou da Assembleia Constituição de 1986, que resultou na Constituição Federal de 1988, onde um dos temas mais graves discutidos por tal Comissão da criança e do adolescente, foi a representação social da criança expressa nos meios de comunicação e no discurso cotidiano a elas referido. Duas expressões dividiam o universo das crianças: de um lado, havia ‘criança’, de outro, ‘menor’. Uma era a criança branca, de classe média ou alta, bem nutrida, sobre a qual repousavam esperanças de futuro. Outra, negra, excluída, padecendo privações econômicas e sobre a qual pesava o estereótipo de ‘coitadinha’, merecedora de caridade, objeto de programas assistencialistas e, pior, ‘risco de se tornar marginal, pivete, problema social futuro’. (Didonet, 2016, p. 67). A criança tida como menor, sempre foi a criança negra, já que, como um produto da racialização da sociedade brasileira, sua generalização como “menor” contida na infância pobre homogênea, não se sustentou. Ou seja, ela faz parte de uma sociedade que se utiliza do racismo para reproduzir a raça, por meio da hierarquização e relação direta entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. [...]

A fala analisada é potente e necessária, pois convida a confrontar verdades frequentemente ignoradas sobre as desigualdades vivenciadas por crianças negras, abordando

o tema com sensibilidade, mas sem minimizar a gravidade da situação. Destaca-se, em particular, a compreensão de que não existe uma infância única, sendo a experiência de ser criança no Brasil fortemente influenciada pela cor da pele, classe social e local de vivência. Ao valorizar a ideia de competência infantil e referir-se a autores como Nilma Lino Gomes e Fanon, a fala aponta caminhos para resistir às opressões, evidenciando que a transformação se inicia quando se muda o olhar, escuta-se com atenção e respeitam-se as vivências dessas crianças. Trata-se, assim, de um chamado à ação para educadores, famílias e para a sociedade como um todo, reforçando que a construção de uma infância mais justa e humana é uma tarefa urgente e possível.

A professora Tereza de Benguela dialoga com a teoria afro referenciada e nos responde que

Ele está em construção, mas assim uma teoria afro referenciada a partir desse material, é didático a questão do afeto eu penso que não sei se seria um conceito, mas são formas de você pensar esse empoderamento é pensar que crianças podem através do afeto serem empoderadas através de histórias infantis de conteúdos didáticos paradidáticos eu trabalho literatura negra e tento passar isso para msn alunos que serão futuros professores. Então eu acho que a gente está construindo, uma tecnologia antirracista teórica política. Que nós estamos construindo coletivamente, então não tem nada pronto a gente está construindo algo diferente do que foi na nossa infância. (Felipa, 2025)

A partir das falas da professora Tereza de Benguela, observa-se que a construção do empoderamento na infância constitui um processo pautado em pequenas práticas cotidianas, fundamentadas no afeto, na escuta e no compromisso com uma educação antirracista. Ao afirmar que se está construindo algo distinto do vivido na própria infância, a professora evidencia que tal processo, por si só, constitui um ato revolucionário. Nesse contexto, o uso da literatura negra, bem como de materiais didáticos e paradidáticos que valorizem identidades negras, configura-se como uma ferramenta poderosa. Quando as crianças se veem representadas nas histórias, ilustrações e narrativas que respeitam e exaltam suas vivências, observa-se que isso não apenas fortalece a autoestima, mas também contribui para a formação de um olhar mais justo e empático em relação a toda a turma. Ressalta-se, ainda, a importância de realizar essas práticas com afeto, uma vez que esta cria vínculos, abre caminhos para o aprendizado e potencializa a construção integral da criança.

4 - Qual é a sua visão sobre o empoderamento que pode tornar uma criança mais forte para combater o racismo e a desigualdade?

A professora Maria Felipa nos trouxe que todo contexto apontado anteriormente responde a essa questão [...]

Em sociedades racializadas, como a nossa, ser negro é não-ser, para usar uma expressão de Fanon. Portanto, não tenho um conceito sobre empoderamento de crianças negras, no entanto, acredito e é o que venho fazendo em minhas aulas, pesquisas, debates e escritas é, compreender como as crianças negras como parte de seu grupo de pertencimento foi construída com base na racialização, resultado do processo de colonização. Nesse sentido, para uma outra infância para as crianças negras e assim, para um empoderamento, é necessário a construção de outros processos, outros dispositivos, como afirma Mbembe (2014): uma descolonização. Para o autor, o propósito da descolonização pode ser resumido em uma palavra que a possibilitou: a abertura do mundo. O autor explica que essa abertura deve incluir a eclosão, o nascimento, o aparecimento de alguma coisa nova, um desabrochar. Logo, abrir é libertar aquilo que estava encerrado para que possa nascer e desabrochar. A questão da abertura do mundo, “de pertencer ao mundo, habitar o mundo, criar o mundo, ou ainda as condições sob as quais nos constituímos como herdeiros do mundo, é o fulcro do pensamento anticolonialista e da noção de descolonização” (Mbembe, 2014, p. 60). Refletir sobre a abertura do mundo, como uma eclosão, permite-nos compreendê-la como o tempo do devir, que é a possibilidade de construção de um novo. Para uma outra possibilidade de infância para a criança negra, é necessário interromper a história tida como totalitária e única. É necessário um devir-outro. Somente é possível alcançar o devir-outro por meio da abertura do mundo, e isso acontecerá se, como afirma Fanon, de acordo com Mbembe (2014), houver a abolição da raça. Também, isso se concretizará quando se admitir a verdade segundo a qual “o negro não é”. “Não é mais do que o branco”; “o negro é um homem igual aos outros, um homem como os outros”, “um homem entre outros homens”. Outra infância negra terá que considerar que: “Uma criança negra não é”, “não é mais do que uma criança branca”, “a criança negra é uma criança igual às outras”, “uma criança como as outras”, “uma criança entre outras crianças”. (Felipa, 2025)

A Professora Tereza de Benguela diz:

Eu penso que as crianças precisam ter um ambiente que ela seja acolhida. A escola precisa assumir isso como uma proposta política, e entender que o racismo está presente na escola. O racismo está presente na família. É isso que eu falei a escola é para além dos muros, pensar a questão do empoderamento como uma questão séria na sociedade, porque as crianças majoritariamente estão em situação de vulnerabilidade pobreza, então é a escola quem precisa ser esse ambiente acolhedor, para crianças também enfrentar na sua comunidade na sua periferia uma situação de desigualdade mas ela também entende que a vida dela não é só aquilo ali, para além daquilo existe uma sociedade desigualdade. Eu venho, Eliane vem você vem dessa sociedade, só que a gente através da educação e uma educação bancária que a gente teve, mas a gente ainda encontrou brechas para estar aqui hoje. Eu estou podendo falar da minha história pra você com cinquenta anos de idade então eu acredito sim, que a escola precisa entender que tem racismo e que ela precisa agir não só no 20 de novembro e sim todos os dias, ter um plano de aula específicos ter atitudes anti racistas acolher essa criança amar essa criança e dizer que tem um mundo aí fora que é desigual, mas que ela é para além disso ela pode estar fora das estatísticas do racismo e da desigualdade. (Benguela, 2025)

Em consonância com as colocações da professora, a escola deve adotar uma postura clara de acolhimento, escuta e enfrentamento do racismo. Tal prática não pode ser pontual ou superficial, devendo estar presente de maneira contínua e integrada ao projeto pedagógico de cada instituição. Observa-se que grande parte das crianças negras vive em situação de vulnerabilidade social, o que exige da escola um olhar sensível, comprometido e ativo. Esse espaço escolar precisa ser seguro, de modo que essas crianças se sintam valorizadas, respeitadas e incentivadas a se desenvolver. Cabe à instituição educacional reconhecer e combater o racismo com coragem, responsabilidade e afeto. Conforme ressaltado pela professora, a infância negra necessita de acolhimento, o que só se efetiva mediante um compromisso verdadeiro com a equidade. A trajetória da professora constitui um exemplo inspirador de resistência e transformação por meio da educação.

5 - Na concepção da senhora quais similitudes e diferenças no impacto intelectual de uma criança empoderada e não empoderada ao vivenciar o racismo e a desigualdade?

A Professora Maria Felipa para nos responder traz historicamente a violência das crianças negras em detrimento das brancas.

Por meio das respostas anteriores, é possível afirmar que as crianças negras, historicamente, têm recebido tratamento desiguais em relação às crianças brancas, isso, certamente tem um impacto sobre a forma como elas constituem suas identidades. Não sei o que você quer dizer com “impacto intelectual”, então, prefiro pensar que ambas as crianças têm processos e oportunidades desiguais para aprender, considerando a educação escolar. As pesquisas em espaços de Educação Infantil, por exemplo, têm demonstrado, desde a década de 1990, que o cuidado e a educação destinados às crianças pequenas são desiguais e que essas desigualdades estão relacionadas aos seus pertencimentos étnico-raciais. Entre os bebês, por exemplo, enquanto as crianças brancas são alvo de afetos, toques, carinhos, as negras são confinadas aos berços, recebendo afetos e estímulos diferenciados em relação aos bebês brancos e com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, a situação não se diferencia. Especificamente com professoras que se ocupam da educação da faixa etária de crianças entre 0 e 5 anos, a discriminação acontece pela falta de reconhecimento de mérito das crianças negras, pelo tratamento diferenciado e, principalmente, pelo silenciamento diante de situações de discriminação entre elas. Afirmando que as crianças negras sofrem, constantemente, em espaços de Educação Infantil, violência psicológica. (Felipa, 2025)

A análise evidencia, de maneira contundente, a realidade frequentemente silenciada do impacto do racismo na infância, especialmente na infância negra. Observa-se que esse racismo se manifesta nas experiências mais básicas de cuidado, afeto e no direito fundamental de ser visto e acolhido, revelando sua gravidade de forma dolorosa. A reflexão sobre o “impacto intelectual” permite compreender que a dor vivida pelas crianças negras inicia-se precocemente,

ainda na Educação Infantil, ambiente que deveria promover acolhimento, construção de identidade e amor. Constatou-se que, infelizmente, gestos de colo, carinho e cuidado podem ser negados com base na cor da pele.

Ressalta-se que o racismo nem sempre se apresenta de forma explícita; muitas vezes, manifesta-se de maneira sutil, infiltrando-se nas sutilezas do cotidiano, nas ausências, nos olhares desviados e nas palavras não ditas. Mesmo de forma silenciosa, deixa marcas profundas e duradouras. Diante desse contexto, evidencia-se que o empoderamento de crianças negras não se configura como um luxo, mas como uma necessidade urgente. O reconhecimento, o cuidado e a valorização dessas infâncias constituem responsabilidade coletiva. Essa reflexão não apenas provoca questionamentos, mas exige transformação e ação concreta, uma vez que toda criança merece crescer cercada de amor, respeito e dignidade.

Tereza de Benguela traz alguns estudiosos da educação como Nelson do Vale Silva, Florista Fernandes, Carlos Azembal e bell hooks para responder que:

Eu diria que nós vivenciamos e enfrentamos o racismo, e a desigualdade sem esse aparato intelectual, vivenciamos e enfrentamos desde criança. Então o fato de ser intelectual não quer dizer que não vai sofrer o racismo, a gente precisa entender isso, quando a gente domina esse mundo da teoria, quando estudamos, quando a gente vai pra escola. Não sou eu que estou dizendo, são os estudiosos Nelson do Vale Silva, Florista Fernandes Carlos Azenbal os grandes estudiosos dizem que o movimento negro e a educação mudam nossas vidas. Então bell hooks, só o fato de ir para escola eu já estou sendo socializada, estamos vendo que temos um mundo de oportunidades, mas, nem por isso não vou sofrer racismo, mas vou perceber que não estou só nesse movimento contra o racismo e a desigualdade, então vou lutar com as armas que eu tenho. Vou ter conhecimento, vou ter um leque no mundo das palavras. O mundo dos conceitos se amplia, é que o racismo é muito perverso, ele é uma máquina de moer corpos então ele atinge a mim que sou professora doutora atinge Eliane que é uma professora da matemática atinge a você que está concluindo um curso, e atinge uma criança, então o racismo não vê qual nível você tem ele atinge todos nós. Agora quais armas ter acesso ao mundo das letras, educação formal, me coloca em outro lugar pra poder debater, pensar escrever e produzir conhecimento sobre isso.

Concordo profundamente com essa reflexão. O racismo nos atravessa desde a infância e continua nos afetando mesmo quando conquistamos espaços de produção intelectual. Acredito que o acesso ao conhecimento nos fortalece não só para resistir, mas também para transformar realidades. Ainda que o racismo tente, constantemente, nos silenciar, hoje ele já não é enfrentado no isolamento como antes, a dor continua existindo, mas a consciência coletiva, construída através da educação e das vivências, nos torna mais fortes. Ocupar o espaço acadêmico é também uma forma de romper com as barreiras que historicamente nos foram impostas e é um ato de coragem e de afirmação. (Benguela, 2025)

6- Quais são as consequências de uma educação que não empodera para a identidade intelectual das crianças?

A professora Maria Felipa diz que:

Para Faleiros e Faleiros (2008), diferentemente da violência física, a violência psicológica não deixa traços imediatamente visíveis no corpo, mas destrói a autoimagem do violentado e se manifesta no comportamento da criança, provocando traumas psicológicos que afetam o psiquismo, as atitudes e as emoções, traduzindo-se até mesmo na incapacidade da criança em interagir socialmente dentro das condições considerada próprias de sua idade, podendo tornar-se passiva ou agressiva. Não é raro que a vítima tenha uma imagem deteriorada de si mesma, com baixa estima ou depressão. Ou seja, a violência psicológica é prejudicial e impacta a todas as crianças, no entanto, quando as crianças são pertencentes a grupos étnico-raciais não reconhecidos pela sociedade como humanos, como o grupo negro, por exemplo, que foi racializado, pode sofrer violências múltiplas. Considerando o racismo, no plano psíquico essas violências prejudicam o desenvolvimento infantil, pois cria situações nas quais as crianças negras são afetadas por um tipo de sofrimento específico, bem como podem apresentar danos emocionais como consequência da violência do racismo nos diversos ambientes de sua socialização. Se as crianças convivem em espaços que oferecem como experiência relações sociais em que a imagem do negro é construída a partir de referências negativas, é de esperar que isso afete seu desenvolvimento emocional. (Felipa, 2025)

A Professora Tereza de Benguela traz a experiência de sua vida para responder:

Bom, quando a escola não pensa uma educação que empodera a identidade intelectual das crianças negras ela está atrasando o avanço dessas crianças porque não é só ir pra escola, cada criança tem um processo. Eu tinha uma família letrada era da classe trabalhadora e minha mãe deixou de trabalhar para cuidar da gente naquele tempo trinta a quarenta anos atrás eu tinha o que comer não tinha que trabalhar então a minha inserção na escola se dá de um outro lugar, agora cada criança vem de uma realidade a mãe não dá conta de fazer a tarefa porque ela está trabalhando então eu acho que é isso enquanto a escola não pensa não olha pra esse público diverso com suas realidades distintas e ainda não empodera a identidade intelectual dessas crianças fica. É muito mais desafiador para elas, e eles demoram muito a chegar a um lugar de sucesso. Elas tendem a não ver os espaços de estudo como um lugar de sucesso profissional e acabam indo para o mercado informal, porque estudar não é fácil: é preciso ter uma estrutura, ter dinheiro para comprar livros. Pensar nessa identidade intelectual voltada para o estudo é algo caro no Brasil. Hoje você pode se tornar um microempresário de sucesso enfim, há vários ramos mas a educação ainda é um lugar importante para nós e que o movimento negro defende desde o período da escravidão. Quando você não tem uma educação que empodera, você está apostando no atraso dessa criança, desse jovem, desse adulto. Os caminhos deles serão muito mais difíceis, as barreiras serão maiores, porque internamente essa pessoa vai achar que não é capaz. Vai acreditar que aqueles lugares não são para ela. E a autoestima... a gente precisa de muita autoestima e de pessoas que acreditem na gente. Então, não depende só de você: a sociedade tem que estar empenhada em fortalecer essa identidade intelectual desde a infância. Porque, se ela está fortalecida, essa criança avança; nada a segura. As pessoas precisam não ser racistas para não reprovar essas crianças. É preciso ter profissionais comprometidos com o empoderamento e com a identidade nos espaços de poder, para dar oportunidade a nós, que temos direitos. É muito sério não pensar em uma educação que empodere a identidade intelectual das crianças negras. A sociedade precisa encarar isso como um projeto coletivo, para evitar o atraso profissional, intelectual e o comprometimento do sucesso de crianças, jovens e adultos negros. Essa professora aponta algo fundamental ao dizer que o caminho até o sucesso não é igual para todas as crianças, as condições materiais, a história familiar, o apoio ou a falta dele em casa, tudo isso pesa. Mas nada disso pode ser usado como desculpa para invisibilizar as potencialidades das crianças negras. Pelo contrário: a escola precisa ser justamente o espaço que reconhece essas diferenças, que acolhe as diversas realidades e entende que o ponto de partida não é o

mesmo para todos. Quando a escola falha em construir um ambiente acolhedor e comprometido com a equidade, ela não apenas deixa de apoiar ela contribui para o atraso no desenvolvimento dessas crianças, porque estudar exige estrutura, apoio emocional, autoestima e, acima de tudo, a certeza de que aquele espaço também nos pertence. Muitas vezes, crianças negras não se veem representadas no currículo, nos livros, nos quadros da escola, nem nos afetos. E aí, começam a acreditar que aquele lugar não é para elas. Que estudar, aprender, sonhar grande não faz parte do seu caminho. Isso é sério, é doloroso e é responsabilidade de todos nós mudar esse cenário. A representatividade importa. (Benguela, 2025)

4.2 O OLHAR DO CHÃO DA ESCOLA: DIÁLOGO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Após dialogar com as formadoras de formadoras — as professoras universitárias responsáveis por preparar docentes para atuarem na Educação Básica — buscamos compreender como esses discursos e perspectivas são (re)significados e materializados no cotidiano das escolas.

Para isso, entrevistamos quatro professoras do 1º ano do Ensino Fundamental, todas atuantes em escolas públicas de Santo Amaro/BA. As entrevistas, compostas por vinte e sete questões, foram organizadas a partir das seguintes categorias analíticas: A — Feminismo Negro e Educação Infantil; B — Empoderamento e Educação Antirracista; C — Práticas Pedagógicas e Educação Étnico-Racial.

Por motivos éticos, todas as docentes utilizam nomes fictícios. As falas dessas mulheres negras, que vivem diariamente as realidades, desafios e potências da educação de crianças negras, oferecem um panorama concreto e sensível sobre como as discussões teóricas se manifestam (ou não) em sala de aula.

A- FEMINISMO NEGRO E EDUCAÇÃO INFANTIL - DIALOGO ENTRE QUEM BEM CONHECE A SALA DE AULA DAS CRIANÇAS

A1. Como você compreende o feminismo negro e sua relação com a educação infantil?	
Antonieta de Barros	É um movimento e uma perspectiva teórica que denuncia e combate não apenas o sexismo (discriminação de gênero), mas também o racismo.
Carolina Maria de Jesus	Nos dias atuais ainda vivemos os desafios nas instituições de ensino e na sociedade. A importância de demonstrar e ensinar

	aos alunos da Educação Infantil as práticas pedagógicas é para que a criança se sinta valorizada.
Dona Yvone Lara	Como uma representatividade para a formação das crianças de forma antirracista.
Ruth de Souza	Feminismo negro é um movimento que combate o racismo e o sexismo, destacando as vivências das mulheres negras. Na educação infantil, ele ajuda a criar um ambiente que valoriza a identidade e a história das crianças negras, especialmente as meninas.

A2. Você acredita que o feminismo negro pode contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva e empoderadora para crianças negras? Como?

Antonieta de Barros:	Sim, acredito que o feminismo negro pode inspirar práticas pedagógicas que reconheçam e respeitem a diversidade étnico-racial e de gênero desde a infância, promovendo uma educação antirracista, ampliando o repertório cultural das crianças. Desconstruindo estereótipos de gênero. Por exemplo, evitando dizer que meninas negras só são bonitas se alisarem os cabelos ou que meninos não podem brincar de boneca.
Carolina Maria de Jesus	Sim, ele pode trazer para as crianças uma educação mais inclusiva e fomentar valorização na cultura e na identidade.
Dona Yvone Lara	Sim. Com uma educação descolonizada, livre e respeitosa.
Ruth de Souza	Sim, acredito que uma educação mais inclusiva se faz na intencionalidade: discutir questões raciais e de gênero desde cedo e empoderar crianças negras, mostrando que suas histórias e culturas são importantes.

A3. Na sua prática pedagógica, de que forma você trabalha a representatividade das meninas negras na escola?

Antonieta de Barros	Trabalho a representatividade das meninas negras de forma muito intencional e constante, considerando que elas historicamente sofrem com a invisibilidade e os estereótipos.
----------------------------	--

Carolina Maria de Jesus	Fazendo uma roda de atividades, rodas históricas, onde cada uma reconheça sua importância e sua identidade no espaço escolar.
Dona Yvone Lara	Valorizando-as todas, a sua ancestralidade, seus cabelos, suas contribuições por ser mulher e educadora negra.
Ruth de Souza	Usando livros com protagonistas negros, atividades que envolvam a cultura afro-brasileira e discussões sobre mulheres negras inspiradoras.

A4. Você percebe diferenças na forma como meninas e meninos negros vivenciam o racismo na infância? Como isso influencia o processo de aprendizagem?

Antonieta de Barros:

Sim, meninas e meninos negros vivenciam o racismo de formas diferentes na infância, e isso afeta profundamente o processo de aprendizagem de ambos – mas de maneiras particulares. Meninas negras: Estereótipos de beleza e autoestima: muitas meninas negras sofrem desde cedo com os olhares que problematizam suas características físicas (cabelos, cor de pele, nariz, lábios). Meninos negros: Estereótipos de agressividade e criminalização: meninos negros são muitas vezes vistos como maus, "bagunceiros", "violentos" ou ameaçadores. Isso pode resultar em punições mais severas ou em menor paciência por parte dos educadores.

Carolina Maria de Jesus:

Na instituição que trabalho ainda é saudável a relação entre os grupos sociais, incluindo infantil.

Dona Yvone Lara:

Sim, creio que as meninas negras são mais atacadas, sofrem mais exclusão, o que afeta sua autoestima.

Ruth de Souza:

Sim. As meninas muitas vezes sofrem com estereótipos de gênero e raça (como o “cabelo ruim” ou a ideia da “mulher raivosa”) e os meninos negros são frequentemente mais criminalizados. Isso pode afetar a autoestima e o desempenho escolar.

A5. Como a escola pode atuar para desconstruir estereótipos raciais e de gênero desde a infância?

Antonieta de Barros:

Escolher e usar livros infantis com protagonistas negros em diferentes contextos – histórias de aventuras, descobertas, vida cotidiana – que fujam do lugar de vítima ou secundário. Incluir bonecas e brinquedos com diferentes tons de pele, texturas de cabelo e estilos.

Carolina Maria de Jesus:

Com incentivo, trazendo uma educação que evite comportamentos sexistas, trabalhando com meninas e meninos sem diferença.

Dona Yvone Lara:

Citações de projetos, momentos de diálogos antirracistas, rodas de conversas, livros que abordam o tema.

Ruth de Souza:

Concluindo conteúdos diversos formando professores para lidar com essas questões e promovendo debates sobre racismo e gênero de forma crítica.

A6. Você considera que há um apagamento da história e das conquistas das mulheres negras nos materiais didáticos? Como isso impacta as crianças?

Antonieta de Barros:

Sim, infelizmente existe um apagamento (ou silenciamento) da história e das conquistas das mulheres negras nos materiais didáticos em grande parte das escolas brasileiras. Esse apagamento tem raízes históricas e estruturais e impacta profundamente as crianças, especialmente as negras, mas também todas as outras, que deixam de aprender sobre uma parte essencial da nossa história, identidade e cultura. Ha várias formas: A ausência de protagonistas

femininos negros. Raramente vemos mulheres negras como cientistas, escritoras, artistas ou líderes políticos nos livros didáticos.

Carolina Maria de Jesus:

Sim, é isso, desperta a construção de identidade.

Dona Yvone Lara:

Sim, com certeza! Até hoje nos conteúdos todos os negros foram colocados em momentos específicos. Impacta de forma negativa, mas atualmente temos alguns recursos que estão sendo apresentados e utilizados em todos, mas vinculados com leituras e noticiários.

Ruth de Souza:

Sim. Isso impacta as crianças negras que não se vêem representadas e as não negras que crescem sem conhecer essas contribuições

A7. A cultura e a história das mulheres negras são abordadas em sua escola? Se sim, de que maneira? Se não, por que acredita que isso não acontece?

Antonieta de Barros:

Trabalhos e projetos pedagógicos que contam a história de mulheres negras importantes para o Brasil e o mundo (Dandara dos Palmares, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzales, Marielle Franco, entre outras). Leitura de livros infantis com protagonismo feminino negro, como “O cabelo de Lelê” ou “Menina bonita do laço de fita”. Atividades artísticas e culturais.

Carolina Maria de Jesus:

No momento, não.

Dona Yvone Lara:

Sim. Através de projetos interativos e leituras com contação de histórias.

Ruth de Souza:

Sim, geralmente — em datas específicas como Dia da Consciência Negra ou em projetos pontuais.

A8. Você já utilizou histórias ou biografias de mulheres negras em sala de aula? Se sim, qual foi a recepção dos alunos? Você pode citar algumas das histórias e biografias de mulheres negras?

Antonieta de Barros:

Sim, gostaram muito. Leitura de livros infantis como: “O cabelo de Lelê” e “Menina bonita do laço de fita”.

Carolina Maria de Jesus:

No momento não, mas pretendo citar a escritora Maria Firmina.

Dona Yvone Lara:

Sim. Com total aceitação. Já trabalhamos com livros literários, como: “Cabelo de Lelê”, “Luiza”, “Menina bonita do laço de fita”, entre outros.

Ruth de Souza:

Não.

A9. Como podemos incentivar meninas negras a se enxergarem como protagonistas de suas próprias histórias dentro do ambiente escolar?

Antonieta de Barros:

Incentivando a participação em atividades culturais que celebram a herança africana e afro-brasileira, incluindo músicas, danças, culinária, literatura e contação de histórias.

Carolina Maria de Jesus:

Conversando sobre o racismo dentro das rodas de aula e chamando atenção sobre os riscos que podem ocorrer.

Dona Yvone Lara:

Através de projetos, leituras inclusas no cotidiano, com práticas motivadoras e com escuta ativa.

Ruth de Souza:

Mencionando exemplos reais, valorizando suas narrativas e usando espaços onde elas possam ser ouvidas.

A10. Em sua visão, como o feminismo negro pode auxiliar na formação de uma identidade positiva para crianças negras na educação infantil?

Antonieta de Barros:

Na educação infantil, o feminismo negro pode valorizar a representatividade positiva, ao incluir histórias, músicas, brinquedos e atividades que destaquem protagonistas e personagens negros de forma positiva. Crianças negras se veem refletidas como importantes e poderosas, o que ajuda a construir autoestima e confiança.

Carolina Maria de Jesus:

Utilizando materiais didáticos para contar as histórias de representatividades negras.

Dona Yvone Lara:

Incentivando os olhares sobre todos e todas, e sobre o povo preto.

Ruth de Souza:

Ajuda a construir autoestima, mostrando que ser negro é potência, não inferioridade.

B - CONCEITOS DE EMPODERAMENTO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

B1. Como você define o conceito de empoderamento de crianças negras?

Antonieta de Barros:

Uma maneira de fortalecer a autoestima e o pertencimento. Ao integrar elementos da cultura afro-brasileira e africana no cotidiano escolar (como festas, músicas, contação de histórias), as crianças negras reconhecem que sua identidade tem valor e importância.

Carolina Maria de Jesus:

É o processo que fortalece crianças negras onde promove uma identidade positiva e a capacidade de enfrentar os desafios e assim superar os preconceitos.

Dona Yvone Lara:

Defino como um contínuo aprendizado que vai alcançando no e com o outro.

Ruth de Souza:

É uma ferramenta que faz com que as crianças se orgulhem de quem são, busquem conhecer sua história e enfrentar o racismo com segurança.

B2 Você acredita que é possível trabalhar o empoderamento desde a infância? Por quê?**Antonieta de Barros:**

Porque é o processo de fortalecer sua autoestima, identidade racial e consciência de seus direitos e potencialidade.

Carolina Maria de Jesus:

Sim para que cresçam com autoestima, autoconfiança e para que tenham mais confiança e se tornem mais seguros.

Dona Yvone Lara:

Sim. É extremamente necessário e faz parte do trabalho racial.

Ruth de Souza:

Claro. Crianças absorvem mensagens desde cedo. Se ensinarmos orgulho racial e autoconfiança desde pequenas, esse valor fará parte da vida toda.

B3 Como o empoderamento pode tornar uma criança mais preparada para enfrentar o racismo e a desigualdade?**Antonieta de Barros:**

O empoderamento atua como uma espécie de escudo protetor emocional e social que ajuda essas crianças a enfrentarem essas situações de forma mais consciente e confiante.

Carolina Maria de Jesus:

Com educação, que é instrumento de transformação.

Dona Yvone Lara:

Fortalecendo a autoestima, o saber e a verdade dentro de si mesma e da vivência.

Ruth de Souza:

Reconhecendo o racismo, mas não internalizando como “culpa” ou “inferioridade”. Sabem que têm direitos e voz.

B4. Na sua visão, quais são as similaridades e diferenças no impacto intelectual entre uma criança empoderada e uma não empoderada ao vivenciar o racismo e a desigualdade?

Antonieta de Barros:

Ambas vivenciam o racismo e a desigualdade, tanto a criança empoderada quanto a não empoderada estarão sujeitas a situações de discriminação, preconceitos e exclusão no ambiente escolar e social. Isso pode afetar diretamente: oportunidades de aprendizado (por exemplo, professores podem ter expectativas mais baixas para crianças negras). Entretanto, embora ambas vivenciem o racismo e a desigualdade no ambiente escolar, a criança empoderada desenvolve recursos emocionais e intelectuais mais fortes para enfrentar essas situações.

Carolina Maria de Jesus:

As crianças empoderadas têm suas escolhas e desenvolvem suas habilidades e enfrentam os desafios durante sua vida, ao serem discriminadas percebem facilmente e sabem dar um retorno. As não empoderadas têm dificuldade de retorno por conta da sua autoestima baixa e não expressam sua opinião, nem sentimentos, portanto essas sofrerão mais.

Dona Yvone Lara:

Similares todos sentirão o impacto da violência diferente das crianças empoderadas reajam de forma transformadora.

Ruth de Souza:

Crianças empoderadas questionam, resistem e buscam apoio, não se culpabilizam; as não empoderadas podem achar que o problema está nela, se culpabiliza afetando aprendizagem e toda a autoestima.

B5. Quais são as consequências de uma educação que não promove o empoderamento para a identidade intelectual das crianças?

Antonieta de Barros:

Baixa autoestima. A criança passa a acreditar que ser negro (ou ter traços físicos como cabelo crespo, pele escura ou feições negras) é algo negativo ou feio.

Carolina Maria de Jesus:

Contribui para a Falta de reconhecimento da capacidade da criança em realizar algo, esta passa a não acreditar nas suas habilidades.

Dona Yvone Lara:

A dor em defesa, luta por direitos, respostas renovadas de forma direta com embasamento da família.

Ruth de Souza:

Insegurança e dificuldade no desempenho escolar. A criança aceita estereótipos e até auto ódio racial.

C - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**C1. Como a temática étnico-racial está integrada ao planejamento pedagógico da sua escola?****Antonieta de Barros:**

Idealmente, a temática étnico-racial deve estar transversalmente inserida em todo o currículo da escola, ou seja: no currículo escolar conteúdos de História, Geografia, Literatura e Artes.

Dona Yvone Lara:

De forma direta, onde trabalhamos diariamente com livros que impulsionam a valorização, Nossa escola faz o projeto Sankofa símbolo de resistência e tradição.

Ruth de Souza:

Em projetos, livros e datas comemorativas.

C2. Você já desenvolveu ou participou de projetos que envolvem educação antirracista? Se sim, quais foram os principais resultados?

Antonieta de Barros:

Sim, já participei — enquanto profissional da educação — do desenvolvimento e da execução de projetos voltados para a educação antirracista.

Dona Yvone Lara:

Com certeza! Todos estão envolvidos com o intuito de empoderar e fortalecer nossas raízes. Livros para contações de histórias, textos e trabalhos produzidos contribuindo com uma educação antirracista.

Ruth de Souza:

Contando histórias africanas. Alunos mais engajados e conscientes.

C3. Você sente que há apoio da gestão escolar para implementar ações de educação étnico-racial? Se não, quais são as principais dificuldades?

Antonieta de Barros:

Sim, quando convidam representantes de grupos étnicos para compartilhar saberes e vivências com as crianças.

Dona Yvone Lara:

Sim, promovendo rodas de diálogos com posturas anti racistas, rodas de escuta e escuta ativa, com leitura de livros, filmes e construção da importância do combate a atitudes racistas, ressaltando vozes negras, combate ao bullying e outras ações proativas.

Ruth de Souza:

Às vezes falta apoio por despreparo da gestão ou medo de abordar o tema. Dificuldade: falta de reflexões e resistência de alguns pais/professores.

C4. Você utiliza materiais didáticos que abordam a história e cultura afro-brasileira e africana? Se sim, quais? Se não, por qual motivo?

Antonieta de Barros:

Sim. Levo narrativas africanas, indígenas, asiáticos, entre outros, por dois dias escolares.

Carolina Maria de Jesus:

Sim, Histórias Infantil.

Dona Yvone Lara:

Sim.

Ruth de Souza:

Sim. Livros.

C5. Quais estratégias pedagógicas você utiliza para incentivar o respeito à diversidade e a valorização da identidade racial dos alunos?

Antonieta de Barros:

Livros, músicas, brinquedos e outros materiais que respeitem etnias e culturas.

Carolina Maria de Jesus:

Sim.

Dona Yvone Lara:

Com rodas de diálogos com posturas antirracistas, rodas de escuta e escuta ativa, com leitura de livros, filmes e construção da importância do combate a atitudes racistas, ressaltando vozes negras, combate ao bullying e outras ações proativas.

Ruth de Souza:

Representação (personagens negros em atividades); debates sobre diversidade de forma lúdica; valorização da cultura afro (música, dança, contos).

D - FORMAÇÃO E REFERÊNCIAS NA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

D1. Você conhece documentos como a BNCC, o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o Referencial Curricular Municipal no que diz respeito à educação étnico-racial? Se sim, como chegou até você?

Antonieta de Barros:

Sim

Carolina Maria de Jesus:

Sim.

Dona Yvone Lara

Sim.

Ruth de Souza:

Sim. Eles citam a obrigatoriedade da temática, mas muitas vezes de forma genérica.

D2. Se sim, como esses documentos orientam sua prática?

Carolina Maria de Jesus:

Abordando a diversidade étnico-racial

Dona Yvone Lara:

Pontuando a importância de nomes negros, como eu, com a continuidade da formação.

Ruth de Souza:

Dizem que deve ser trabalhado, mas falta como fazer. Infelizmente muitos professores precisam correr atrás de materiais e formações por conta própria.

D3. Você já participou de alguma formação sobre educação étnico-racial?

Antonieta de Barros:

Sim.

Carolina Maria de Jesus:

Sim.

Dona Yvone Lara:

Sim.

Ruth de Souza:

Sim, mas muitas vezes sem supervisão ou pontuais.

D4. Se sim, quais aspectos foram abordados?

Antonieta de Barros:

História da população negra e indígena no Brasil, estudo das contribuições e culturas.

Carolina Maria de Jesus:

O combate ao racismo e a promoção da igualdade e justiça social.

Dona Yvone Lara:

Conceitos históricos e experiências, respeito de leis antirracistas e atualizações, obras culturais com os desafios/provedores que nos influenciam positivamente.

Ruth de Souza:

História da África, cultura afro-brasileira, como identificar e combater racismo na escola, e sugestões de livros e atividades.

D5. O que você acredita que poderia ser feito para fortalecer a relação étnico-racial na educação infantil?**Antonieta de Barros:**

É fundamental promover o respeito à diversidade, combater as frequentes discriminações e contribuir com uma sociedade mais justa desde cedo. Uma nova sensibilidade valorizadora deverá ser cultivada.

Ruth de Souza:

Materiais de qualidade (livros, jogos, filmes) que mostrem a diversidade.

Dona Yvone Lara:

Explorando a valorização da identidade, projetos diferentes, representar a importância do respeito à diversidade.

D6. Há algum ponto que você gostaria de destacar sobre esse tema?**Antonieta de Barros:**

É estimular os profissionais a repensar seus próprios preconceitos e a linguagem utilizada.

Ruth de Souza:

Não adianta só falar de escravidão. Tem que mostrar resistência, cultura e protagonismo negro – senão as crianças negras só reconhecerão sua história pela dor.

Dona Yvone Lara:

Diversidades, pelo fato das crianças menores ainda.

D7. Quais vídeos ou historinhas você indicaria para levar à sala de aula sobre o empoderamento da criança negra?

Antonieta de Barros:

Trazer vídeos e historinhas é uma forma poderosa de construir auto estima, orgulho e pertencimento desde a infância. Iria te sugerir “As aventuras de Bia (canal Pretinha Leitora)”. Animação nacional que mostra a menina Bia, uma criança negra vivendo aventuras cotidianas de forma positiva. Fala de autoestima, valorização da cultura negra e respeito às diferenças.

Ruth de Souza:

“O cabelo de Lelê”, “Pequeno Príncipe Preto”, “O amigo do rei”.

Carolina Maria de Jesus:

“Qual é a cor do amor? “; “Dia da Consciência Negra- História infantil.”

Dona Ivone Lara:

Partilharmos de ações práticas que fazem parte do processo do desenvolvimento infantil, até o alcance das novas etapas. Histórias como: O cabelo de Lelê, Amoras, Black Power de Akin, Pequeno Príncipe Preto, Carolina de Jesus (não li, mas soube que é muito bom).

4.3 UM DIÁLOGO COM QUEM ESTÁ NO “CHÃO DA SALA DE AULA”

Ao analisar as respostas do questionário, observa-se a força, a consciência e o cuidado presentes nas falas das educadoras. Nota-se uma sensibilidade significativa em reconhecer que a representatividade negra é fundamental para a formação das crianças, não como um “tema” a ser abordado em datas específicas, mas como uma presença constante, efetiva e integrada à rotina escolar.

Diversas respostas evidenciam o compromisso com a construção de uma educação antirracista desde os primeiros anos da infância, respeitando a ancestralidade, os fenótipos, as histórias e as contribuições das mulheres negras e das crianças negras. Além disso, ressalta-se a importância de tornar a escola um espaço de acolhimento, onde meninas negras não sejam invisibilizadas ou excluídas, mas reconhecidas em sua potência, beleza e força.

As práticas pedagógicas mencionadas — como rodas de conversa, contação de histórias, projetos e o uso de livros com protagonismo negro — demonstram o comprometimento das educadoras com uma transformação que se inicia no afeto, na escuta e nas ações cotidianas. Tais práticas não se limitam à teoria, configurando-se como um fazer constante que se reinventa diariamente, mesmo diante dos desafios.

Destaca-se, ainda, o reconhecimento da urgência de trabalhar a identidade das crianças, fortalecendo a autoestima, a autoconfiança e a capacidade de reagir diante das violências e desigualdades. Crianças empoderadas, como apontam as respostas, tornam-se mais seguras para enfrentar os desafios.

A presença de projetos como o Sankofa, o uso de livros como *O Cabelo de Lelé*, *Pequeno Príncipe Preto* e *Carolina*, e a valorização das histórias e da cultura negra evidenciam um movimento de resistência e reconstrução que ocorre cotidianamente na escola, conduzido por educadoras que compreendem que ensinar é também lutar por justiça social.

Portanto, esse conjunto de respostas não constitui apenas um levantamento de opiniões, mas retrata uma pedagogia comprometida com a equidade, capaz de reconhecer a dor e, simultaneamente, apostar na potência das crianças. Observa-se a importância de formar cidadãos mais conscientes, humanos e livres, o que representa, sem dúvida, um dos maiores sentidos da educação.

5 CONSIDERAÇÕES QUE TEMOS ATÉ AQUI

De início tudo aqui é incipiente, é um ensaio para pesquisas futuras mais aprofundadas, mas, considerando as falas das diversas professoras neste trabalho podemos refletir sobre como a representatividade e os princípios do feminismo negro podem interferir de forma positiva e atuar como ferramentas potentes na construção de uma educação mais justa, acolhedora e transformadora especialmente para crianças negras, que historicamente foram invisibilizadas dentro do ambiente escolar. Ao longo da pesquisa, foi possível observar que, quando a escola reconhece e valoriza as identidades negras, seja por meio de referências positivas ou de práticas pedagógicas conscientes, ela contribui de forma significativa para fortalecer a autoestima, a consciência crítica, a identidade e o senso de pertencimento das crianças negras.

E é importante lembrar que a educação vai muito além de apenas repassar conteúdos ela tem o poder de transformar olhares, ampliar horizontes e abrir caminhos para que cada estudante se reconheça com dignidade, autoestima e confiança em si mesmo. Pensar uma educação que empodera é, portanto, assumir um compromisso ético e político com a equidade racial e de gênero. É importante que as instituições escolares compreendam seu papel transformador e adotem práticas que rompam com padrões excludentes. E a representatividade e feminismo negro não são apenas temas para refletir são caminhos reais para transformar o dia a dia da escola e, junto com ele, a vida de muitas crianças.

Também ousamos em inferir que a escola ao se comprometer com uma educação que valoriza as identidades negras, ela se torna um espaço de acolhimento, escuta e fortalecimento. E é por meio desse cuidado que as crianças negras passam a se enxergar com orgulho, reconhecendo seu valor, sua história e seu lugar no mundo. Mais do que ensinar conteúdos, educar é sobre tocar vidas, abrir possibilidades e construir sentidos. Com o empoderamento infantil as crianças têm a possibilidade de reconhecer seus limites podendo identificar o que não está certo sobre o trato sobre si e, como está tratando o outro, perceber que está passando por algum abuso, bullying, racismo, preconceitos, sendo assim pode ser evitado grandes danos na sua infância que reflete na vida adulta. Sendo assim, ensina a enfrentar os desafios da vida e a se tornarem pessoas confiantes, conscientes e capazes de fazer uma diferença positiva em suas vidas. É um dos papéis fundamentais ao incorporar esse tema na Educação Infantil.

Assim, podemos consideramos até aqui que introduzir discussões ações acerca do feminismo negro na educação das crianças colabora para a conscientização sobre questões sociais relacionadas à raça e gênero, contribuindo para uma visão crítica do mundo ao seu redor proporcionando a ideia de que as meninas têm voz em todos os aspectos de suas vidas.

Que esse trabalho possa inspirar outros olhares e práticas que abracem a diversidade e caminhem lado a lado com a construção de uma infância mais justa, mais bonita e cheia de potência.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 74.
- BERMÚDEZ, Maria Paz. *Déficit de autoestima: avaliação, tratamiento y prevención en la infancia y adolescência*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2001.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- BRIGGS, D. C. *A auto-estima do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta, 2021.
- CARINE, Bárbara. *Escrevivências: memórias e epistemologias do Sul*. Salvador: EDUFBA, 2021.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser*. São Paulo: Selo Negro, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. In: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 11.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, p. 139–167, 1989.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GELEDES. Empoderamento infantil de meninas: fortalecendo as garotas desde cedo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/empoderamento-infantil-de-meninas-fortalecendo-as-garotas-desde-cedo/>. Acesso em: 10 out. 2025.
- GELEDES. Feminismo negro: violências históricas e simbólicas. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-violencias-historicas-e-simbolicas/>. Acesso em: 10 out. 2025.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167–182, jun. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GRILLS, Cheryl. African American identity: racial socialization and the psychological impact of race. In: NEAL-BARNETT, Angela; SMITH, Felicia; CARTER, Robert T. (org.). *Racial*

identity in context: the legacy of Kenneth B. Clark. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, 1994.

HEILBORN, Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia. *Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça | GPP-GeR: Módulo III*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: Educação como prática de liberdade*. Ed. Martins Fonte: 2017 (original) 1994.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. São Paulo: Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, Rio de Janeiro, 05 nov. 2003.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.